



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**LAURENT FRANCK JUNIOR CHARLES**

**Formação acadêmica e mercado de trabalho: destinos  
profissionais de doutores em Psicologia**

**Belo Horizonte**

**2020**

**LAURENT FRANCK JUNIOR CHARLES**

**Formação acadêmica e mercado de trabalho: destinos  
profissionais de doutores em Psicologia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia

**Área de concentração:** Psicologia social

**Linha de pesquisa:** Cultura, Modernidade e Subjetividade

**Orientador:** Prof. Dr. Sergio Dias Cirino.

**Belo Horizonte**

**2020**

150 Charles, Laurent Franck Junior.  
C475f Formação acadêmica e mercado de trabalho[manuscrito] :  
2020 destinos profissionais de doutores em psicologia / Laurent  
Franck Junior Charles. - 2020.  
82 f.  
Orientador: Sérgio Dias Cirino.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia

1. Psicologia - Teses. 2. Mercado de trabalho - Teses  
3. Educação (Superior) - Teses. I. Cirino, Sérgio Dias.  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Formação acadêmica e mercado de trabalho: os destinos profissionais de doutores em Psicologia**

**LAURENT FRANCK JUNIOR CHARLES**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Trabalho, Sociabilidade e Saúde.

Aprovada em 19 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Sérgio Dias Cirino - Orientador  
UFMG

Prof(a). Delba Teixeira Rodrigues Barros  
UFMG

Prof(a). Simone Dutra Lucas  
UFMG

Prof(a). Tatiana Pereira Queiroz  
UFMG

Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2020.

*Em memória de meus pais,  
À minha irmã Stéphanie,  
Ao meu irmão Patrick.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Professor Dr. Sérgio Cirino pela confiança colocada em mim, por acreditar nesta proposta de estudo, pela parceria, pelas orientações e pelas valiosas contribuições nesta Dissertação.

Às professoras Dra. Simone Lucas e Dra. Delba Barros por terem aceitado o convite para compor a Banca de qualificação do projeto e pelas ótimas sugestões para o desenvolvimento da pesquisa.

À Dra. Tatiana Queiroz pela leitura e por todas as sugestões feitas no relatório de suas observações sobre este trabalho.

Aos meus amigos Thiago, Joseph, Jackson e Sama por me acompanharem durante este processo árduo, pelas suas colaborações nesta pesquisa, pelos ensinamentos, pelo respeito, pela grande parceria mesmo à distância, pelo suporte e pela amizade!

À Carol e Laura pelas grandes colaborações, pelas sugestões de melhoria no texto, pelas contribuições, de forma prática, neste trabalho.

À Liz, ao Vilmar e a todo o grupo Alumni pelas contribuições na construção, alimentação e atualização do banco de dados que permitiu a realização desta pesquisa.

À Secretaria e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, por fornecerem os dados necessários sobre os egressos, quando solicitados, para que esta pesquisa pudesse ser concretizada.

## RESUMO

Charles, L. F. J. (2020). *Formação acadêmica e mercado de trabalho: destinos profissionais de doutores em Psicologia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Este trabalho teve como objetivo principal investigar a trajetória profissional dos egressos do doutorado do programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG. A Pós-Graduação, no Brasil foi instituída em 1965 por meio do parecer nº 977 do Conselho Federal de Educação que estabelece as definições e características da pós-graduação no País, apesar de ter sido previsto no Estatuto das Universidades Brasileiras desde 1930. Ela tem como objetivo aprofundar e desenvolver a formação científica ou cultural obtida na graduação e os títulos de mestrado e de doutorado são considerados critérios para ingresso e ascensão na carreira docente. Nesse sentido, houve uma expansão do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) por meio do aumento do número dos egressos de pós-graduação no país. A comissão de acompanhamento do PNPG 2011-2020, com base nas previsões, demonstra que entre os anos de 2015 e 2020, terá um aumento de 25,04% e de 51,52% no número de alunos titulados nos cursos de mestrado e de doutorado, respectivamente. Neste estudo, foi analisada a trajetória profissional de 88 doutores de sexo feminino (56) e masculino (32), formados pelo programa de pós-graduação em psicologia, com tempos de inserção profissional diferentes num período de sete anos (2012-2019). A metodologia usada foi a de análise documental, com dados obtidos por meio do currículo Lattes, LinkedIn, entre outros e transformados em um banco de dados. A análise documental procurou examinar o perfil acadêmico e profissional dos egressos do programa, a sua procedência e os seus destinos profissionais. Analisaram-se os dados com base na Análise de Conteúdo (Bardin, 2008). Os resultados apontaram que do total da amostra, 73 egressos (83%) atuam, atualmente, como docentes de ensino superior público e privado. A quantidade de egressos atuando como docentes coincidem com a literatura, apontando que a universidade é a principal empregadora dos doutores. Os resultados também

indicam que a docência não é mais uma atividade complementar do psicólogo, mas passa a ser uma área de atuação exclusiva.

**Palavras-chave:** Psicologia; Egressos; Pós-graduação; Formação continuada; Mercado de trabalho; Destino profissional; Acompanhamento de egressos.



## RÉSUMÉ

Charles, L. F. J. (2020). *Formation académique et marché du travail: destinations professionnelles des docteurs en Psychologie*. Mémoire de maîtrise, Faculté de Philosophie et des Sciences Humaines, Université Fédérale du Minas Gerais, Belo Horizonte.

L'objectif principal de ce travail était d'étudier la trajectoire professionnelle des diplômés du doctorat en psychologie de l'UFMG. Les programmes de deuxième et de troisième cycle du Brésil ont été institués en 1965 par l'avis n° 977 du Conseil Fédéral de l'Éducation, qui établit les définitions et les caractéristiques de l'enseignement au niveau de Maîtrise et de Doctorat au Brésil, bien qu'il soit prévu dans le statut des universités brésiliennes depuis 1930. L'objectif est d'approfondir et de développer la formation scientifique ou culturelle obtenue au premier cycle, ainsi les diplômes de maîtrise et de doctorat sont considérés comme des critères d'entrée et d'avancement dans la carrière d'enseignant. En ce sens, il y a eu une expansion du Système National des programmes de deuxième et de troisième cycle (SNPG) en augmentant le nombre d'étudiants diplômés dans le pays. Le comité de suivi PNPG 2011-2020, sur la base des prévisions, montre qu'entre 2015 et 2020 il y aura une augmentation de 25,04% et 51,52% du nombre d'étudiants en Maîtrise et en doctorat respectivement. Dans cette étude, nous avons analysé la trajectoire professionnelle de 88 diplômés [56 femmes et 32 hommes] du programme d'études de troisième cycle en Psychologie, avec différents temps d'insertion professionnelle sur une période de sept ans (2012-2019). La méthodologie utilisée était l'analyse de documents, avec des données obtenues par le biais du *Curriculum Lattes*, LinkedIn, entre autres, et transformées en une base de données. L'analyse de documents a cherché à examiner le profil académique et professionnel des diplômés du programme, leur origine et leur destination professionnelle. Les données ont été analysées sur la base de l'Analyse de Contenu (Bardin, 2008). Les résultats ont montré que, sur l'ensemble de l'échantillon, 73 diplômés (83%) travaillent, actuellement, comme enseignants de l'enseignement supérieur public et privé. Le nombre de diplômés faisant office d'enseignants coïncide avec la littérature, soulignant que l'université est le principal employeur des Docteurs.

Les résultats indiquent également que l'enseignement n'est plus une activité complémentaire du psychologue, mais devient un domaine d'activité exclusif.

**Mots-clés:** Psychologie; Diplômés; Programmes de deuxième et de troisième cycle; Formation continue; Marché du travail; Destination professionnelle; Suivi des diplômés.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1. Titulados na pós-graduação - projeção 2015-2020</b>	<b>19</b>
<b>Figura 2. Projeção da evolução do SNPG 2016-2020</b>	<b>20</b>
<b>Figura 3. Crescimento do número de cursos de Mestrado e de Doutorado em Psicologia no país até 2016</b>	<b>20</b>
<b>Figura 4. Distribuição dos cursos de Mestrado e Doutorado por número de alunos matriculados (2015)</b>	<b>21</b>
<b>Figura 5. Distribuição dos Programas de PG em psicologia por Estados e Regiões, em 2016</b>	<b>22</b>
<b>Figura 6. Evolução dos cursos de Mestrado em Psicologia no Brasil por regiões geográficas - período 1966-2016</b>	<b>23</b>
<b>Figura 7. Evolução dos cursos de Doutorado em Psicologia no país</b>	<b>24</b>
<b>Figura 8. Distribuição dos PPGP por status jurídico das IES</b>	<b>25</b>
<b>Figura 9. Setores profissionais de psicólogos recém-formados</b>	<b>27</b>
<b>Figura 10. Níveis de formação acadêmica de psicólogos assalariados</b>	<b>29</b>
<b>Figura 11. Níveis de formação acadêmica de psicólogos autônomos e voluntários</b>	<b>29</b>
<b>Figura 12. Número de defesas por ano</b>	<b>43</b>
<b>Figura 13. Número de defesas por ano em função do sexo</b>	<b>44</b>
<b>Figura 14. Egressos em função do sexo</b>	<b>45</b>
<b>Figura 15. Área de concentração escolhida pelos egressos durante a formação</b>	<b>45</b>
<b>Figura 16. Área de Concentração e sexo dos Egressos - período 2012-2018</b>	<b>46</b>
<b>Figura 17. Egressos que receberam bolsa durante o doutorado</b>	<b>46</b>
<b>Figura 18. Egressos que realizaram Doutorado-sanduíche durante a formação</b>	<b>47</b>
<b>Figura 19. Egressos que realizaram doutorado-sanduíche distribuídos por área de concentração</b>	<b>48</b>
<b>Figura 20. Área da formação graduada dos egressos</b>	<b>48</b>
<b>Figura 21. Área de Mestrado dos egressos</b>	<b>49</b>
<b>Figura 22. Instituição de conclusão dos cursos de Graduação dos egressos</b>	<b>51</b>
<b>Figura 23. Instituição de conclusão de Mestrado dos egressos</b>	<b>52</b>
<b>Figura 24. Setor de atuação dos egressos que atuam na docência (vínculos atuais)</b>	<b>53</b>
<b>Figura 25. Atuação docente por área de concentração</b>	<b>54</b>
<b>Figura 26. Sexo dos egressos que não atuam como docentes</b>	<b>54</b>
<b>Figura 27. Egressos sem vínculo docente por área de concentração</b>	<b>55</b>
<b>Figura 28. Setor de atuação dos egressos que possuem outras ocupações profissionais (vínculos atuais)</b>	<b>56</b>
<b>Figura 29. Setor de atuação dos egressos que atuaram na docência (vínculos anteriores)</b>	<b>58</b>
<b>Figura 30. Setor de atuação dos egressos que possuíram outras ocupações profissionais (vínculos anteriores)</b>	<b>59</b>

**Figura 31. Espacialização do destino profissional dos egressos - período 2012-2019**

**61**

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1. Quantidade de defesas por ano</b>	<b>42</b>
<b>Tabela 2. Década de conclusão dos cursos de graduação dos egressos</b>	<b>49</b>
<b>Tabela 3. Ano de defesa das Dissertações de Mestrado dos egressos</b>	<b>50</b>
<b>Tabela 4. Locais de atuação principal dos egressos</b>	<b>56</b>
<b>Tabela 5. Principal área de atuação na Psicologia</b>	<b>57</b>
<b>Tabela 6. Quantidade de horas semanais dedicadas à principal atividade profissional</b>	<b>57</b>
<b>Tabela 7. Total de egressos com ou sem vínculo profissional</b>	<b>59</b>
<b>Tabela 8. Total de egressos que atuam ou não na profissão de Psicologia</b>	<b>60</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALUMNI	Grupo Transdisciplinar de Estudos sobre Carreira e Egressos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CFE	Conselho Federal de Educação
CFP	Conselho Federal de Psicologia
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CRP	Conselho Regional de Psicologia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DRCA	Departamento de Registro e Controle Acadêmico
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
FUMEC	Fundação Mineira de Educação e Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MP	Mestrado Profissional
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
PNPG	Plano Nacional de Pós-Graduação
PPGP	Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PUC	Pontifícia Universidade Católica
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>14</b>
<b>Formação em Psicologia no Brasil: graduação e pós-graduação</b>	<b>14</b>
<b>Etapas da carreira e trajetória dos egressos</b>	<b>27</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<b>32</b>
<b>Objetivo geral</b>	<b>32</b>
<i>Objetivos específicos</i>	<b>32</b>
<b>MÉTODOS</b>	<b>33</b>
<b>Reflexões metodológicas</b>	<b>33</b>
<b>Procedimentos metodológicos</b>	<b>36</b>
<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>40</b>
<b>Contextualizando o campo de pesquisa</b>	<b>40</b>
1) <b>Perfil do profissional formado pelo programa</b>	<b>42</b>
2) <b>Procedência dos egressos do PPGP/UFMG</b>	<b>51</b>
3) <b>Trajетória profissional dos egressos</b>	<b>53</b>
<b>SÍNTESE DOS RESULTADOS APRESENTADOS</b>	<b>61</b>
<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>62</b>
a) <b>Perfil acadêmico-profissional e origem dos egressos</b>	<b>62</b>
b) <b>Destino profissional dos egressos e avaliação da formação recebida</b>	<b>67</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>76</b>



## INTRODUÇÃO

*A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo (Nelson Mandela).*

As pesquisas sobre egressos<sup>1</sup> do ensino superior têm sido realizadas desde a década de 1970 em diferentes países. Esses estudos, geralmente são feitos por sociólogos e economistas interessados na mudança do ensino superior e nos desenvolvimentos do mercado de trabalho, por centros estatísticos governamentais, como na França ou integradas em sistemas autônomos nacionais, como na Grã-Bretanha e na Itália (Paul, 2015).

Bardagi e colaboradores (2008), investigaram a satisfação<sup>2</sup> com a escolha profissional e as expectativas quanto à entrada no mundo do trabalho em 340 formandos de uma Universidade Federal e encontraram sentimentos de frustração em relação à profissão de Psicologia. Os resultados apontaram que 57,9% dos participantes estão pouco satisfeitos ou insatisfeitos com o mercado e 15,8% com a profissão.

Nesse sentido, este trabalho tem como arcabouço teórico diversos estudos anteriores, realizados no Brasil, sobre a atuação profissional do psicólogo (CFP, 1988; 2001; Yamamoto, 2003; Yamamoto *et al.*, 2010; Gondim *et al.*, 2010; Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010), trajetória profissional, inserção no mercado de trabalho (Bardagi *et al.*, 2006; Bardagi *et al.*, 2008), a formação do psicólogo (Ferreira Neto, 2004; Bernardes, 2004; Retchman, 2015; Yamamoto, Souza & Zanelli, 2010), o compromisso social da Psicologia (Bock, 2003), a identidade profissional do psicólogo (Gondim *et al.*, 2010), entre outros. Sendo assim, a diferença do presente estudo com os supracitados é que este foi realizado unicamente com psicólogos com título de doutor.

Atualmente no Brasil, existem várias Universidades que possuem “portais de egressos” a fim de acompanhar a trajetória dos ex-alunos. Até 2015, identificaram-se, por meio de análises de sites das instituições, 32 instituições de ensino superior que

---

<sup>1</sup> O termo “egresso” é usado para descrever todos os indivíduos que saíram do sistema escolar. Ou seja, compreende tanto os formados quanto os que evadiram a Universidade. Porém, nesta pesquisa, consideraram-se egressos somente os formados.

<sup>2</sup> “Percepções quanto ao mercado de trabalho e às possibilidades de inserção também parecem ser fundamentais para a satisfação” (Bardagi *et al.*, 2008, p. 70).

possuem Portais de Egressos (Paul, 2015). Percebe-se que a grande maioria dessas instituições são privadas.

Nessa perspectiva, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES tem manifestado o desejo de considerar a atuação profissional dos egressos como elemento importante na avaliação dos programas de pós-graduação. No documento final da comissão nacional de acompanhamento do PNPG 2011-2020, publicado em 2018, a CAPES elaborou uma proposta de acompanhamento dos egressos na qual aponta que “o destino dos egressos deve ser monitorado pelos programas, já que a natureza e o impacto de sua atividade após o doutoramento [...] é um excelente indicador de qualidade do estudante formado e da instituição e do programa que o forma” (p. 15). Ainda sobre a atuação profissional como dimensão importante na avaliação dos programas, Ortigoza, Poltroniéri e Machado (2012) destacam que “a análise do quadro geral da inserção profissional dos egressos é uma forma inequívoca para avaliação de Programas de Pós-Graduação no que tange à qualidade de sua formação e preparo de profissionais gabaritados para o mercado de trabalho” (p. 243).

Este trabalho teve como propósito investigar a atuação profissional dos egressos do doutorado do programa da pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma vez que a inserção no mercado de trabalho representa um instrumento importante na avaliação da formação recebida pelos egressos durante a pós-graduação, no sentido de suas contribuições para a trajetória profissional dos egressos. Sendo assim, é oportuno tomar a nossa própria categoria profissional como objeto de estudo (Bastos *et al.*, 2010)

Neste caso, convém perguntar: quem são e onde estão os doutores em Psicologia da UFMG? Como ocorre a inserção do egresso do doutorado em Psicologia no mercado de trabalho? Como a formação contribuiu para a inserção no mercado de trabalho? A presente pesquisa foi orientada para dar respostas a estas e outras questões.

Assim, no primeiro capítulo, apresenta-se a revisão da literatura que está subdividida em duas seções. A primeira seção trata-se de uma breve discussão a respeito da formação graduada em psicologia quanto ao seu modelo hegemônico e as matrizes curriculares, a pós-graduação *stricto sensu* e a importância da atuação profissional dos egressos na avaliação dos programas. Na segunda seção, analisou-se a

inserção profissional do psicólogo nos diversos setores formais da economia do país, nas diversas áreas de psicologia e também sobre a formação continuada do profissional psicólogo.

No segundo capítulo, encontra-se a seção dos Métodos que é subdividida em duas seções. Na primeira, chamada “reflexões metodológicas” realizou-se uma elaboração dos métodos, ressaltando os autores de referência no campo de estudo dos métodos de análise documental. Na segunda seção, foi feito um detalhamento dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, no que se refere aos documentos utilizados, aos dados obtidos e onde foram encontrados, e inclusive, o número de participantes da pesquisa. Descreveram-se todos os itens considerados no estudo, justificando os motivos para a sua escolha.

No terceiro capítulo deste trabalho, chamado “apresentação dos resultados”, contextualizou-se o campo da pesquisa. Em seguida apresentaram-se e analisaram-se os dados obtidos na coleta. Apresentaram-se esses dados em gráficos, tabelas e mapa.

O quarto capítulo, foi a Discussão dos resultados. Neste capítulo, discutem-se os dados referentes ao perfil profissional e acadêmico dos egressos, à sua origem e sua trajetória profissional, seguidos por diálogos com alguns autores.

Na última parte, o quinto capítulo, realizaram-se as Considerações finais, destacando a importância desta pesquisa, a contribuição da formação recebida pelos egressos na sua trajetória profissional, as dificuldades encontradas na realização da pesquisa e as perspectivas futuras.

## REVISÃO DA LITERATURA

### Formação em Psicologia no Brasil: graduação e pós-graduação

Nesta dissertação, pretendemos compreender como a formação em Psicologia pode afetar a inserção do egresso no mercado de trabalho, tanto acadêmico como não acadêmico. Para isso, é importante pensar nas diferentes formas que se dá a formação graduada e pós-graduada do psicólogo no Brasil e como essa formação pode contribuir para a futura trajetória profissional dos egressos.

As primeiras Instituições de Ensino Superior no Brasil foram criadas em 1808 com a chegada da família real portuguesa no país. Neste mesmo ano fundaram-se as escolas de Cirurgia e Anatomia em Salvador que, hoje, representa a Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a escola de Anatomia e Cirurgia, no Rio de Janeiro que é a atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Academia da Guarda Marinha, também no Rio. Depois de dois anos, foi criada a Academia Real Militar, atual Escola Nacional de Engenharia da UFRJ (Martins, 2002).

Para Martins (2002), “o ensino superior desenvolveu-se muito lentamente, seguia o modelo de formação dos profissionais liberais em faculdades isoladas, e visava assegurar um diploma profissional com direito a ocupar postos privilegiados em um mercado de trabalho restrito além de garantir prestígio social” (p. 4). Sendo assim, até o final do século XIX existiam somente 24 instituições de ensino superior no Brasil com cerca de 10.000 estudantes. Desde então, a iniciativa privada criou seus próprios estabelecimentos de ensino superior em consequência da possibilidade legal instituída pela Constituição da República de 1891 (Martins, 2002).

Desse modo, na distribuição das IES no país a partir do Censo da Educação Superior de 2006, observa-se uma grande diferença entre a rede privada que representa 89% em relação à pública. As instituições não universitárias representam 87% e as Universidades pouco menos que 8% do total das IES. Do ponto de vista de estabelecimentos, o ensino superior público, visto como de melhor qualidade, representa apenas 4% do sistema. Sendo assim, no que se refere aos estudantes matriculados em cursos presenciais, 74% estão matriculados em instituições da rede privada (Yamamoto *et al.*, 2010).

No que se refere à Psicologia especificamente, ela foi regulamentada no Brasil por meio da Lei n. 4.119, de 27/08/ 1962, que a reconhece como profissão e pela Resolução de 19/12/1962 que, juntamente com o Parecer 403/62 do CFE, estabelece o currículo mínimo referente à formação<sup>3</sup> em Psicologia (Bernardes, 2004; Retchman, 2015). Desde então a profissão vem sofrendo diversos questionamentos a respeito dos seus modelos de formação. No final da década de 1970, houve um constante debate sobre o modelo hegemônico da formação do psicólogo brasileiro, no que se refere à concepção da clínica. Em conjunto com a expansão da questão social, manifestou-se uma apreensão com as dimensões ético-políticas do saber/fazer “psi”. O modelo de formação em Psicologia que prevaleceu até os anos 1980 foi orientado na concepção de áreas de atuação (Ferreira Neto, 2004). Sendo assim, tendo como base a legislação que regulamentou a prática e o ensino em Psicologia, definiram-se três grandes áreas: a clínica, a escolar e a industrial/organizacional (Yamamoto, 2003; Ferreira Neto, 2004; Antunes, 2006; Bernardes, 2012).

Em decorrência disso, alguns cursos de Psicologia passaram a oferecer para seus alunos de último ano de formação, depois de finalizar o bacharelado, a opção de se especializar em uma dessas três áreas de atuação, o que significava uma “especialização precoce”. Ainda, os cursos de Psicologia chegavam a apresentar nos seus currículos matérias que abrangessem essas três áreas. Dessa maneira, dentre essas áreas, a clínica se constituiu de forma rápida como a mais nobre. Não somente marcou os currículos dos cursos de Psicologia, como também o imaginário social da representação do psicólogo. Em outras palavras, este último chegou a ser gradativamente reconhecido como clínico (Ferreira Neto, 2004).

Cabe ainda ressaltar que o campo da Psicologia Clínica sempre agrupou maior carga-horária nos currículos dos cursos de graduação em Psicologia e atuou como correspondente geral do que se considera como prática principal do psicólogo (Ferreira Neto, 2004). Para esse autor, “problematizar a formação do psicólogo brasileiro na

---

<sup>3</sup> De acordo com Retchman (2015), “a formação de hoje é regida sob as diretrizes curriculares nacionais de 2004, que, na tentativa de solucionar essa tensão entre os projetos, aponta para uma formação generalista com ênfases curriculares” (p. 74). Para o autor, as DCN de 2011 são apenas uma atualização das DCN de 2004 com o aumento de normas referentes ao projeto pedagógico complementar para a formação de professores de Psicologia.

atualidade envolve, como ponto de partida, a desconstrução dessa concepção clássica de clínica” (p. 82).

A clínica tradicional tem um “modelo homogêneo” amplamente inspirado no modelo médico de atendimento, atentando-se a resolução de conflitos mentais, dando também ênfase ao psicodiagnóstico e maneiras de classificação nosológicas (Ferreira Neto, 2004). Ela é exercida de preferência em consultórios para uma “clientela” que tem condições de pagar pelo preço. Também, se apresenta como um sistema de atenção que é dirigida ao indivíduo em que são prelevadas as atividades de psicoterapia e de psicodiagnóstico. Neste modo de atuação, o psicólogo é visto como um profissional liberal (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010; CFP, 1988; Ferreira Neto, 2004). Por outro lado, para Ferreira Neto (2004), “[...] as novas concepções de clínica em curso estão longe de se constituírem num modelo homogêneo ou acabado” (p. 90). Essas concepções são apresentadas como um “painel” em formação e plurifacetado. No entanto, a clínica tradicional foi colocada em xeque pela área de saúde mental, com o surgimento do atendimento psicológico ambulatorial como sucessão do modelo manicomial (Ferreira Neto, 2004).

Ainda sobre a formação em Psicologia, Ferreira Neto (2004) aponta que “existe uma mudança em curso na avaliação da formação do psicólogo brasileiro. Essa mudança não surge a partir da reflexão de teóricos brilhantes, mas de pressão oriunda de novas condições de trabalho do psicólogo no país” (p. 92). Para o autor, o psicólogo não se restringe mais a atendimentos psicoterapêuticos de classes médias, mas está agora mais próximo das camadas mais vulneráveis da sociedade, o que lhe coloca em contato com novas práticas, que até aquele momento não eram conhecidas. Sendo assim, “essas mudanças na atuação e na formação do psicólogo que atualmente presenciamos não são por si só garantias de avanços reais. São mudanças que responderam a determinados problemas em certo momento histórico [...]” (p. 100). Essas mudanças têm a ver com questões colocadas pelo mercado mundializado, uma vez que existe uma indissociabilidade entre a formação e a prática (Ferreira Neto, 2004; Rechtman, 2015).

Nesse sentido, a partir da década de 2000, foi observado um alto crescimento dos cursos de Psicologia no Brasil. De 1968 a 2006 o número dos cursos de Psicologia mais do que quadruplicou, passando de 81 para 350 cursos. Esse crescimento reflete a expansão do ensino superior no país desde a década de 1970. É possível observar ao

mesmo tempo um aumento considerável das instituições da rede privada e uma repartição regional das Instituições de Ensino Superior (IES), apesar de encontrar certa desigualdade na distribuição (Yamamoto *et al.*, 2010).

Em relação ao status jurídico das IES que oferecem cursos de graduação em Psicologia, pode ser observada a grande participação das instituições da rede privada, representando 89,1% dos estabelecimentos. Neste aspecto, os 350 cursos de graduação em psicologia no país, em 2006, titularam 16.836<sup>4</sup> estudantes. Dentre esses egressos, 13.796 (81,9%) se formaram em estabelecimentos do sistema privado. Apesar de ampla participação da rede privada de ensino na formação dos psicólogos brasileiros, ela é majoritariamente realizada em instituições de cunho universitário, nas quais, a princípio, deveria ter uma combinação entre a geração e a divulgação de conhecimento (Yamamoto *et al.*, 2010).

Ainda sobre o número de cursos de graduação em Psicologia no país, vários autores (Lisboa & Barbosa, 2009; Seixas, 2014) por meio de pesquisas com base nos dados do cadastro das Instituições de Ensino Superior do Ministério da Educação (MEC), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), e dados oriundos das avaliações dos cursos pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) analisaram a expansão da graduação. Assim, considera-se que, em 2009, existiam 396 cursos. Observa-se que esse número cresceu, em 2012, para 460 cursos de graduação em Psicologia.

Quanto à Pós-Graduação, no Brasil ela foi instituída em 1965 por meio do parecer nº 977 do Conselho Federal de Educação, apesar de ter sido previsto no Estatuto das Universidades Brasileiras desde 1930. Nesse sentido, em 1951 a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES foi criada como “campanha” com objetivo de qualificar os professores de ensino superior. A coordenação agora assume o monitoramento, o credenciamento e a avaliação da pós-graduação no Brasil (Yamamoto *et al.*, 2010). No relatório publicado em 2018, a CAPES aponta que o objetivo primordial da pós-graduação deve ser “formar mestres e doutores capazes de enfrentar novos desafios científicos com independência intelectual, contribuindo para o

---

<sup>4</sup> Segundo informações disponíveis no *site* (<https://site.cfp.org.br/>) do Conselho Federal de Psicologia— atualizadas em janeiro de 2019 — o Brasil possui um total de 329.392 psicólogos.

progresso científico, tecnológico, econômico e social do Brasil como nação independente, imersa em um mundo globalizado em rápida evolução” (p. 8).

O Parecer Newton Sucupira (parecer CFE nº 977/65, aprovado em 3 de dezembro de 1965) do Conselho Federal de Educação, estabelece as definições e características da pós-graduação no Brasil. De acordo com este documento, os cursos de pós-graduação visam a ampliar e aprofundar a formação conquistada durante a graduação. Sendo assim, caracteriza a pós-graduação em dois níveis de formação que são o mestrado e o doutorado. Deve-se esclarecer que, apesar de serem hierarquizados, o mestrado não constitui necessariamente um pré-requisito para o doutorado, ou seja, são dois níveis autônomos. Este mesmo documento estabelece as exigências para se formar mestre ou doutor, além das matérias a serem cursadas. Sendo assim, para o estudante de mestrado “[...] exige-se dissertação, sobre a qual será examinado, em que revele domínio do tema escolhido e capacidade de sistematização; para o grau de doutor requer-se defesa de tese que represente trabalho de pesquisa importando em real contribuição para o conhecimento do tema” (p. 170).

A Pós-Graduação *stricto sensu*<sup>5</sup> se define como um curso regular que sucede a graduação, organizado de forma sistemática, com objetivo de aprofundar e desenvolver a formação científica ou cultural que foi obtida na graduação. São cursos de caráter acadêmico e de pesquisa, e levam a aquisição de um grau acadêmico (Morosini & Souza, 2009). Para essas autoras, a Universidade foi normatizada como concepção de produção de conhecimento-pesquisa inerente ao ensino por meio da reforma universitária de 1968 (Lei nº 5.540), com suporte em um modelo humboldtiano. De acordo com as autoras é um modelo que foi “[...] concretizado numa estrutura de inspiração norte-americana que busca a racionalização dos meios através dos departamentos universitários e identifica os títulos de mestrado e de doutorado como critérios para ingresso e ascensão na carreira docente” (p. 128).

Nesta perspectiva, houve uma expansão do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) por meio do aumento do número dos egressos de pós-graduação no país, no

---

<sup>5</sup> A pós-graduação é dividida em *stricto sensu* e *lato sensu*, mas nesta pesquisa foi levada em consideração somente a pós-graduação *stricto sensu*, uma vez que o intuito foi de pesquisar sobre os egressos do doutorado. Em geral são dois anos para mestrado e quatro para doutorado.

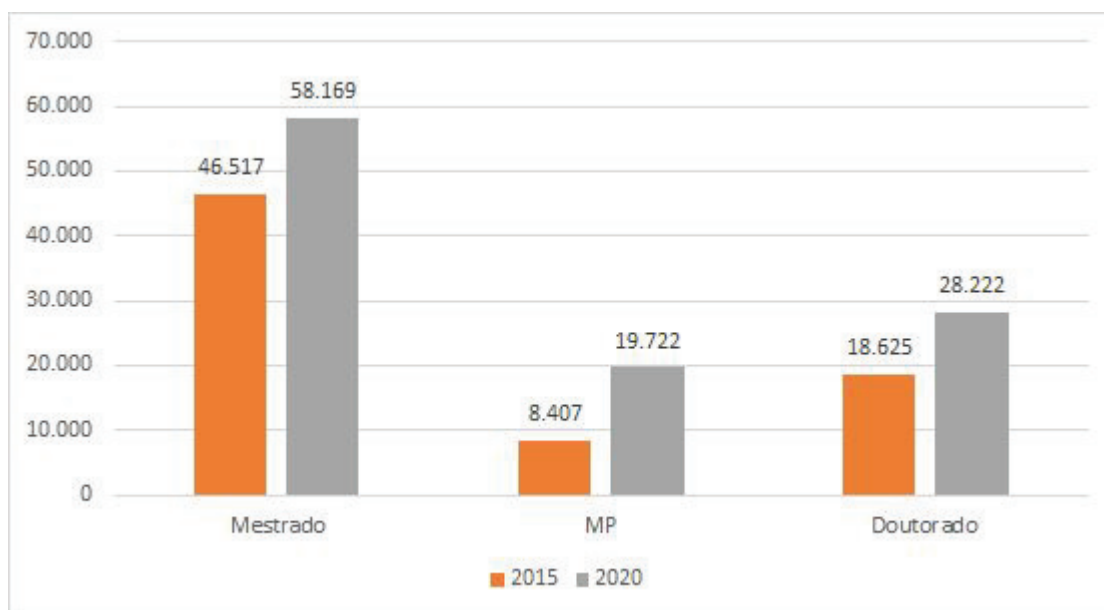


período entre 1987 e 2007. Em 1987, titularam-se 3 647 mestres e 868 doutores, e em 2007, 32 899 mestres e 9 919 doutores. Além disso, essa expansão também pode ser observada pelo crescimento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (Morosini & Souza, 2009; Costa & Yamamoto, 2016).

Nesse sentido, segundo Tourinho e Bastos (2010), “apesar do relativo pouco tempo de existência, o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) é considerado dos mais bem-sucedidos” (p. 36). Sendo assim, “muitos são os aspectos que contribuíram para o sucesso desse empreendimento, com destaque para o planejamento orquestrado por um metódico sistema de avaliação institucional, do investimento contínuo por parte do poder público e da mobilização permanente da comunidade científico-acadêmica [...]” (Costa e Yamamoto, 2016, p. 457).

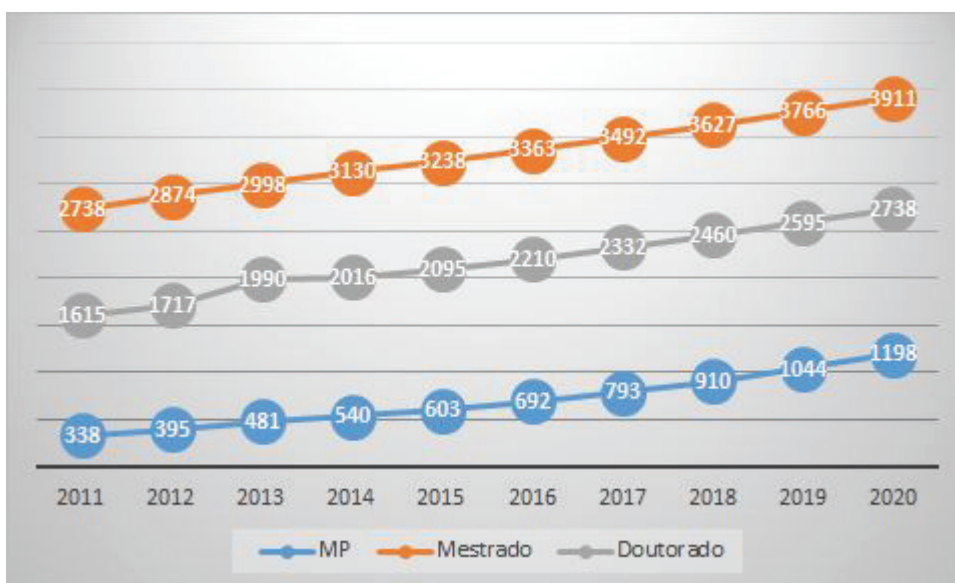
No relatório final da comissão de acompanhamento do PNPG 2011-2020, publicado em 2017, fizeram-se algumas previsões a respeito do crescimento dos titulados da pós-graduação no país. Dessa maneira, em 2015 o número de titulados nos cursos de mestrado foi de 46.517 e esse número deverá atingir o total de 58.169 em 2020, o que significa um incremento de 25,04%. No que se refere aos titulados do doutorado, em 2015 foram 18.625, em 2020 devem chegar a 28.222, ou seja um crescimento de 51,52%. Por fim, os alunos do Mestrado Profissional (MP) que, em 2015 eram de 8.407 alunos, deverão atingir em 2020 a marca de 19.722 titulados, o que significa um crescimento de 134,6% (CAPES, 2017). Essa projeção pode ser observada na figura 1 a seguir.

**Figura 1. Titulados na pós-graduação - projeção 2015-2020**



Fonte: elaborada pelo autor. Relatório do PNPG, 2017.

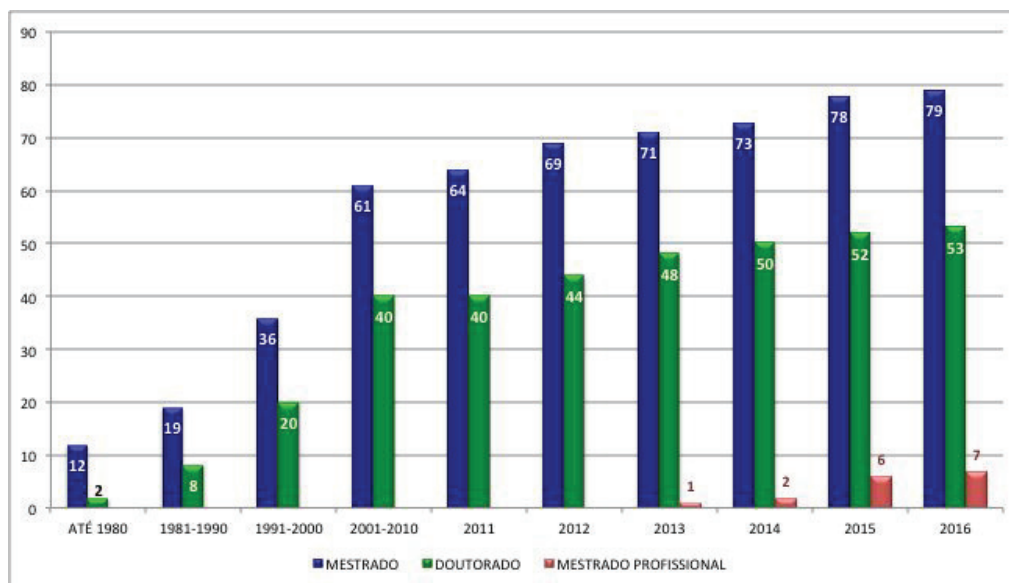
Nesse sentido, no que se refere à expansão dos cursos de Pós-Graduação no país, levando em consideração o patamar de 2015, o número de cursos de Mestrado deve atingir em 2020 a marca de 3.911, ou seja uma evolução de 20,8%. Já os cursos de Doutorado, devem chegar a 2.738 cursos, representando um crescimento de 30,7%. Por fim, os cursos de Mestrado Profissional que, em 2015 eram 603, podem chegar a 1.198 em 2020, o que representa uma evolução de 98,7% (CAPES, 2017). Esta projeção pode ser vista na figura 2.

**Figura 2. Projeção da evolução do SNPG 2016-2020**

Fonte: elaborada pelo autor. Relatório do PNPG, 2017.

No que diz respeito aos cursos de Pós-Graduação em Psicologia, especificamente, até 2008, do total dos 2.267 programas de pós-graduação efetivos no país, 60 cursos de Mestrado e 36 de Doutorado eram da área da Psicologia (Bastos, Gondim & Rodrigues, 2010). Ainda, dados de levantamento feito pela CAPES em 2016 apontam que a área de Psicologia compreende 53 doutorados, 79 mestrados acadêmicos e 7 mestrados profissionais, perfazendo 139 cursos de pós-graduação (CAPES, 2016). Esse crescimento pode ser visto na figura 3.

**Figura 3. Crescimento do número de cursos de Mestrado e de Doutorado em Psicologia no país até 2016**

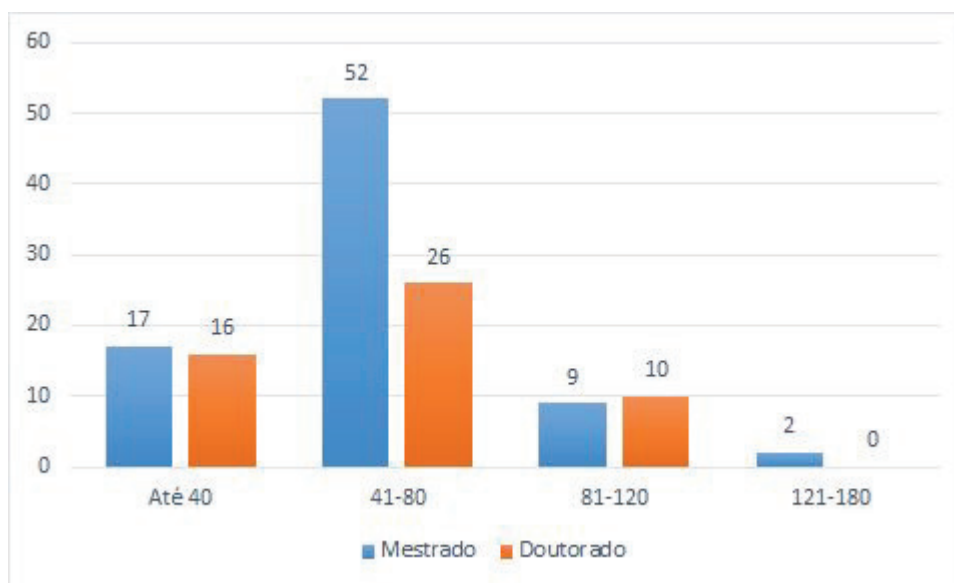


Fonte: CAPES. Caderno de Área de Psicologia, 2016.

Em relação aos alunos matriculados nos cursos de Mestrado e de Doutorado em Psicologia em 2015,<sup>6</sup> a Figura 4 mostra que tanto os Mestrados como os Doutorados, na sua maioria, possuem entre 40 e 80 alunos. Existem dois cursos de mestrado com mais de 180 alunos, sendo que os maiores cursos de doutorado não ultrapassam 120 alunos (CAPES, 2016).

<sup>6</sup> Segundo esse mesmo documento, em termos de matrículas, no total, a área de Psicologia representa 15% da GAC. Humanas, 11,1% do Colégio de Humanidades e 2,2% do SNPG. Além disso, aponta que esses dados são mais elevados no caso dos alunos titulados, que representam respectivamente 16,3, 8,6 e 2,4%.

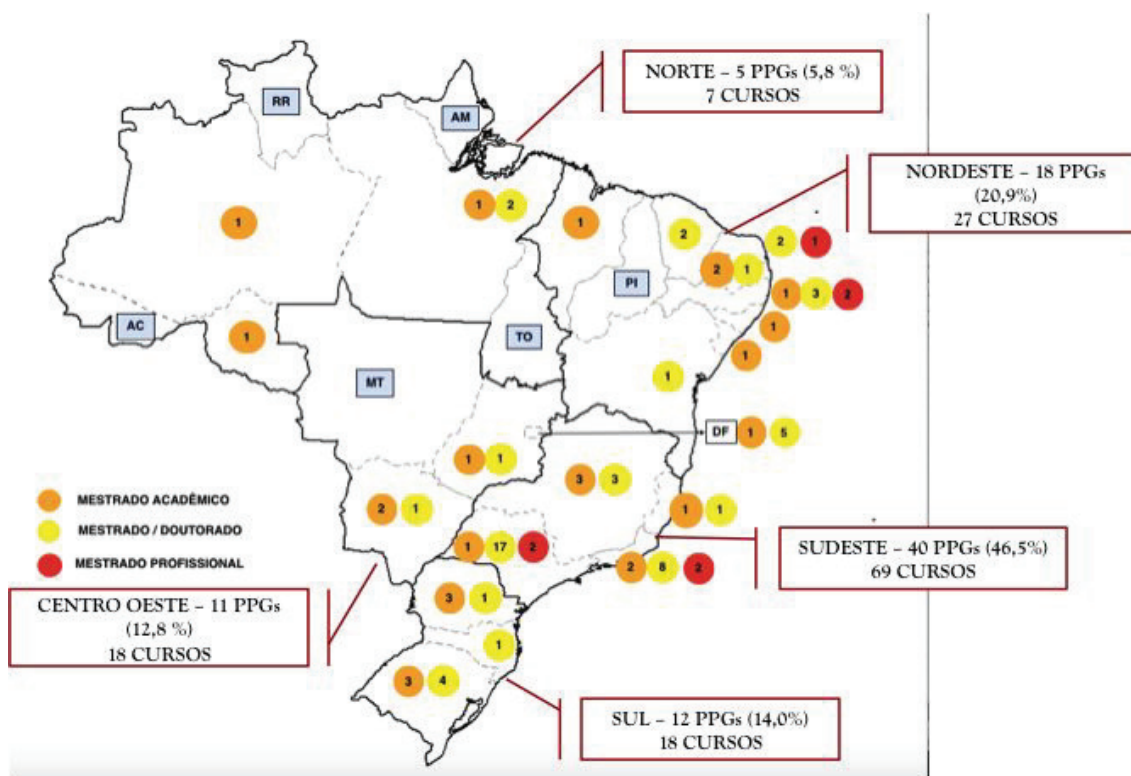
**Figura 4. Distribuição dos cursos de Mestrado e Doutorado por número de alunos matriculados (2015)**



Fonte: elaborada pelo autor. Relatório do PNPG, 2017.

Quanto à distribuição dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia por região geográfica, considera-se que ela se dá de maneira desigual (Yamamoto *et al.*, 2010). Quase a metade desses programas encontram-se no Sudeste do país, sendo 40 programas ou 46,5%. Somente no Estado de São Paulo, nessa mesma região, encontramos 20 programas que representam 23,3% do total da Área. Nesta mesma linha, o Nordeste possui 18 programas, 27 cursos, totalizando 20,9% do país. O que faz dele a segunda região do país com mais programas de pós-graduação em psicologia. A distribuição no Sul e no Centro-Oeste é muito parecida, sendo 12 programas (14% do total) e 11 programas (12,8%) respectivamente (CAPES, 2016). Essa distribuição pode ser observada na figura 5.

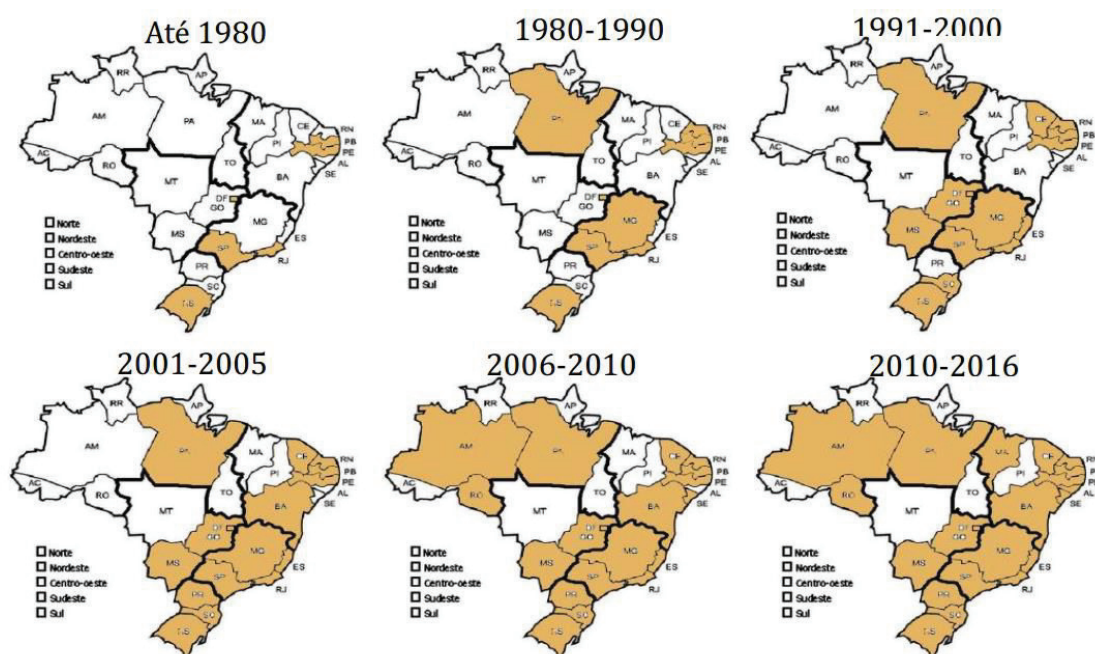
**Figura 5. Distribuição dos Programas de PG em psicologia por Estados e Regiões, em 2016**



Fonte: CAPES. Caderno de Área de Psicologia, 2016.

A expansão da Pós-Graduação em Psicologia, em termos históricos e geográficos está resumida na figura 6. O primeiro Mestrado em Psicologia, área clínica, foi criado na PUC-Rio em 1966. E, quatro anos depois, criaram-se dois outros cursos nas Áreas de Psicologia Experimental e Clínica, na USP. Desde então, a Pós-Graduação em Psicologia foi se espalhando pelo país e, a partir dos anos 1980, apareceram cursos no Nordeste, Sul e Norte.

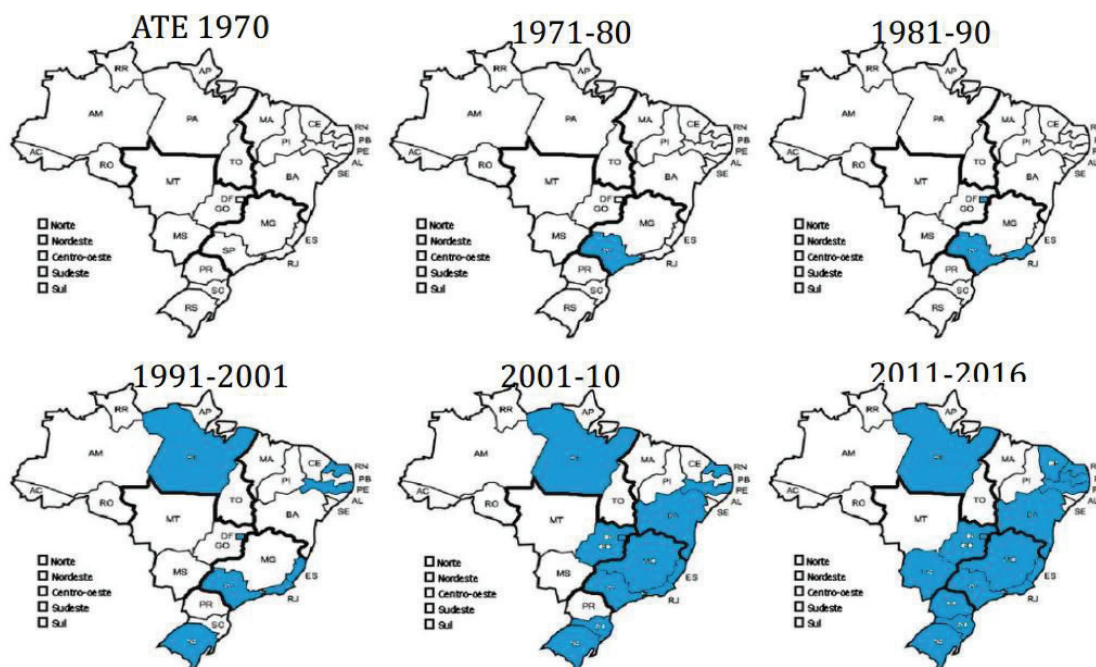
**Figura 6. Evolução dos cursos de Mestrado em Psicologia no Brasil por regiões geográficas - período 1966-2016**



Fonte: CAPES. Caderno de Área de Psicologia, 2016.

Cabe assinalar que, no que diz respeito ao Doutorado, a evolução é mais lenta, uma vez que depende da consolidação dos cursos de Mestrado (CAPES, 2016). Os primeiros cursos de Doutorado em Psicologia apareceram nos anos 1970 nos Estados de São Paulo (USP), de Rio de Janeiro (PUC) e do Distrito Federal (UnB). De acordo com a CAPES, ainda hoje, existem 11 Estados que não oferecem cursos de Doutorado em Psicologia. Essa evolução pode ser observada na figura 7.

**Figura 7. Evolução dos cursos de Doutorado em Psicologia no país**

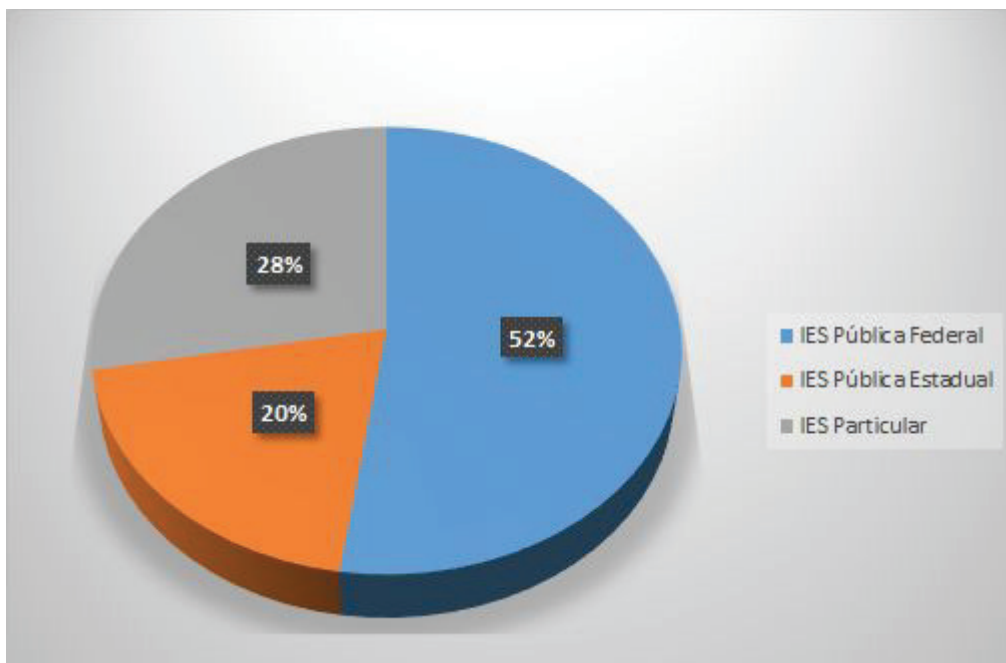


Fonte: CAPES. Caderno de Área de Psicologia, 2016.

Diferentemente dos cursos de graduação em Psicologia que são ofertados majoritariamente por instituições da rede privada, a maioria dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) se encontra em instituições públicas. Levando em consideração as IES federais e estaduais, os programas totalizam um percentual de 72%. As instituições privadas são responsáveis por 27,9% dos programas da área. Dessas instituições, têm destaque as confessionais como as Pontifícias Universidades Católicas (CAPES, 2016). Essa distribuição pode ser vista na figura 8 a seguir.



**Figura 8. Distribuição dos PPGP por status jurídico das IES**



Fonte: elaborada pelo autor - Caderno de Área de Psicologia, 2016.

No documento de Área de Psicologia de 2016, apontaram-se algumas considerações a respeito dos egressos dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia. De acordo com esse documento, os egressos são inseridos tanto no mercado de trabalho acadêmico, quanto no mercado de trabalho profissional. O que mostra que muitos programas de caráter acadêmico participam da qualificação de psicólogos e outros profissionais equivalentes, a fim de trabalharem em instituições de ensino públicas e privadas de diversas categorias (CAPES, 2016).

O mesmo documento mostra a importância dos egressos para a avaliação quadrienal dos programas do ano de 2017. No “quesito 3 - corpo docente” foi destacado que “evidências do desempenho de egressos, quer seja por meio de publicações, quer seja pela sua inserção no mercado como docentes ou profissionais são importantes indicadores da eficácia do programa” (p. 28).

O Sistema de Avaliação da Pós-graduação foi instituído pela CAPES em 1976 e possui como objetivo determinar o padrão de qualidade obrigatório dos cursos de

mestrado e de doutorado, afetando de forma direta a distribuição dos fomentos para os programas de pós-graduação (Morosini & Souza, 2009).

Uma das propostas da CAPES para o aprimoramento do modelo de avaliação da pós-graduação, foi publicado no relatório de 2018 e visa fomentar nas IES e nos Programas de pós-graduação o desenvolvimento/implantação de ações e políticas de acompanhamento dos egressos que favoreçam a avaliação da formação de pós-graduação em cada área do conhecimento. Embora a CAPES destaque a necessidade de definições e parâmetros mais claros para o acompanhamento dos egressos, as instituições ainda não desenvolveram e implantaram políticas de acompanhamento sistemático dos egressos da pós-graduação que favoreçam a geração de dados relativos a compreensão das trajetórias de formação e sua relação com a inserção profissional dos egressos, sobretudo, identificando tais características em cada área de conhecimento.

Nesse sentido, um dos parâmetros apontados pela CAPES para justificar tal proposição, é a premissa que “pós-graduados bem empregados refletem a qualidade da formação que se oferece” (CAPES, 2018, p. 14), enfatizando, que é fundamental e urgente a análise da trajetória dos egressos para uma avaliação da relação entre a formação e a inserção dos egressos no mercado de trabalho, na área de formação de cada programa de pós-graduação. A proposta é que as avaliações advindas desses parâmetros possam identificar as especificidades que caracterizam a necessidade de desenvolvimento de metodologias, conhecimento científico e processos acadêmicos que favoreçam a inserção profissional de pós-graduados.

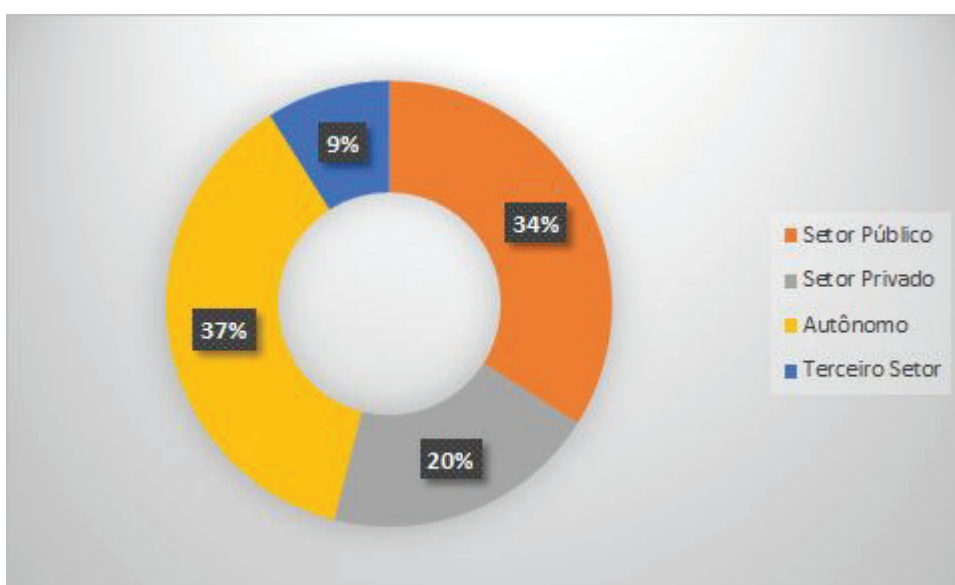
Por conseguinte, é primordial que os dados do acompanhamento de egressos permitam avaliações referentes à capacidade que cada área de conhecimento pode ter, no que se refere à geração de emprego e empregabilidade, ao valor e à criação de tecnologias de formação acadêmicas que desenvolvam novas modalidades de profissionalização; caracterização de trajetórias trilhadas para a inserção profissional alcançada por seus egressos; impacto do progresso do conhecimento adquirido para o desenvolvimento das áreas de trabalho; impacto social gerado pela aplicação do conhecimento desenvolvido no âmbito da pós-graduação, dentre tantos outros (CAPES, 2018).

### Etapas da carreira e trajetória dos egressos

A crescente procura por competências específicas para a realização de muitas atividades transforma a graduação em um requisito insuficiente para o exercício profissional (Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010). A formação continuada é a trajetória que vem sendo estimulada para a aquisição de novos conhecimentos, uma vez que o mercado de trabalho apresenta muita competitividade (Bardagi *et al.*, 2006) e que os profissionais são obrigados a aprimorar suas competências e qualificações (Ortigoza, Poltroniéri & Machado, 2012). Neste caso, “o grande desafio para os educadores consiste em formar profissionais aptos a responderem às demandas de uma sociedade complexa e inserirem-se em um mercado de trabalho competitivo” (Jesus, 2013, p. 337).

O profissional psicólogo atua nos quatro setores formais da economia do país. Numa pesquisa realizada por Malvezzi, Souza e Zanelli (2010) sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho, 41,8% dos psicólogos recém-formados investigados descrevem-se como profissionais engajados formalmente dentro desses quatro setores institucionais. Na atividade autônoma, 37,3%, no setor público, 33,6%, no setor privado, 19,7%, e nas instituições que não são privadas e nem governamentais, como as ONG, 9,4% (Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010). Os setores profissionais podem ser observados na figura 9 a seguir.

**Figura 9. Setores profissionais de psicólogos recém-formados**



Fonte: elaborada pelo autor. Dados de pesquisa organizada por Bastos e Gondim (2010).

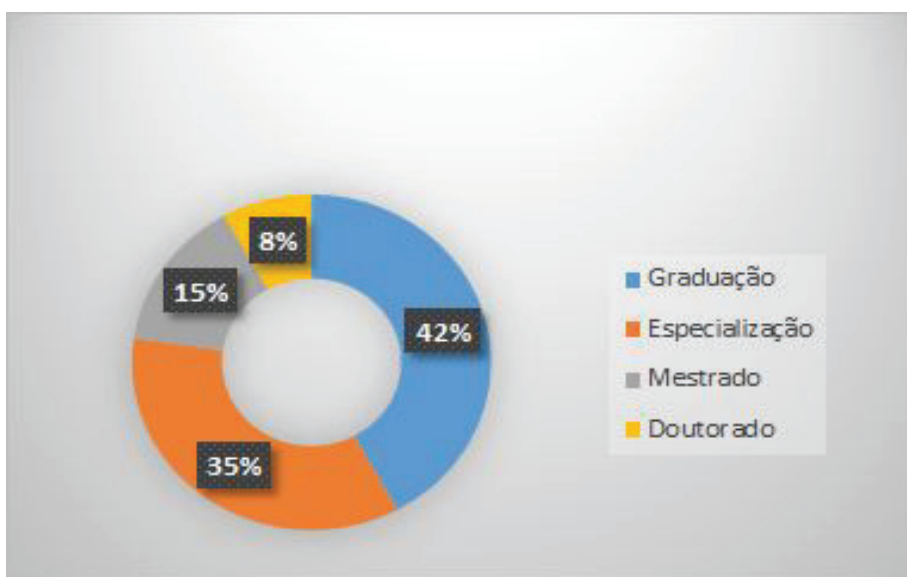
Os psicólogos trabalham em diversas esferas de atividades humanas. A área da Saúde é considerada a predominante, por meio da atuação em clínica. Sendo assim, é encontrada uma percentagem de 35,3% com atuação em clínica e 10,4% em saúde. E depois, a área de Psicologia Organizacional e do Trabalho aparece como a segunda área que mais atrai esses profissionais. Por último, as áreas com escores menores — mas que marcam presença na atuação profissional — são a docência e a Psicologia Jurídica (Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010). Numa pesquisa realizada por Yamamoto e colaboradores (2010), sobre a formação pós-graduada do psicólogo brasileiro, os autores apontam que “há um percentual expressivo de psicólogos que são mestres/mestrandos e mesmo doutores/doutorandos atuando em diversas áreas, o que pode configurar uma situação de precariedade dos vínculos profissionais” (p. 58).

Um aspecto importante na análise da atuação profissional dos psicólogos diz respeito à remuneração. Neste aspecto da profissionalização, apresenta-se uma irregularidade e uma dispersão na remuneração dos profissionais de psicologia. Na pesquisa supracitada, enquanto 26,6% da amostra total recebe um salário igual ou superior a 10 salários mínimos, 42, 7% ainda não alcançam cinco (Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010).

Outro fator importante para esse trabalho é a longa espera de alguns formados para conseguir o primeiro emprego. Dos psicólogos investigados por Malvezzi, Souza e Zanelli (2010), 61,1% destacaram que é devido à inexistência de oferta de trabalho. Para esses autores, “a longa espera pelo início da vida profissional é compatível com uma interpretação literal frente à crise econômica (diminuição da oferta de empregos ou de oportunidade de trabalho) e com uma interpretação genérica às características do trabalhador [...]” (p. 96). A partir dos achados de um estudo realizado por Jesus *et al.* (2013) com egressos de um curso de Enfermagem, de uma universidade pública, sobre a inserção no mercado de trabalho, os autores apontam que “assim, é perceptível que o egresso precisa estar bem preparado para a realização de concursos, ter postura profissional adequada e, também, possuir uma boa rede de relacionamentos interpessoais a fim de facilitar o seu ingresso no mercado de trabalho” (p. 338).

Numa pesquisa realizada com psicólogos inscritos nos Conselhos Regionais e Federal da Psicologia, Heloani, Macêdo e Cassiolato (2010) apontam algumas características gerais da inserção profissional do psicólogo. Ao examinar o tipo de inserção com o nível de formação acadêmica, os dados dessa pesquisa apontaram que dos psicólogos assalariados, 42,1% possuem como formação apenas a graduação, 35,2% possuem a especialização, 14,6% possuem o mestrado e 8,1% o doutorado. Os níveis de formação acadêmica estão resumidos na figura 10.

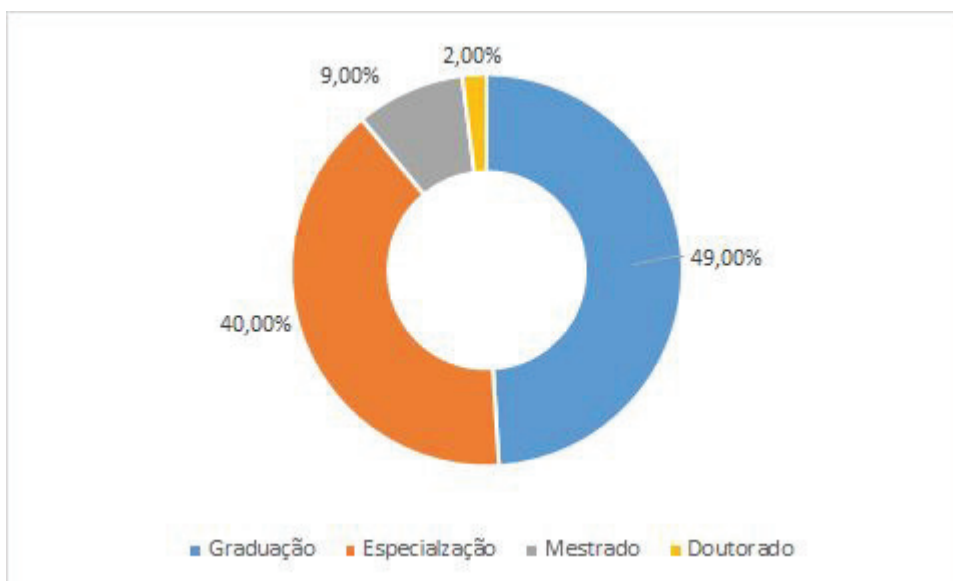
**Figura 10. Níveis de formação acadêmica de psicólogos assalariados**



Fonte: elaborada pelo autor. Dados de pesquisa organizada por Bastos e Gondim (2010).

No que se refere aos psicólogos que atuam como autônomos e voluntários, 49,3% têm somente a graduação, 40,1% têm a especialização, 8,5% têm o mestrado e 2,1%, o doutorado (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010). Os níveis de formação acadêmica estão resumidos na figura 11.

**Figura 11. Níveis de formação acadêmica de psicólogos autônomos e voluntários**



Fonte: elaborada pelo autor. Dados de pesquisa organizada por Bastos e Gondim (2010).

Com base nos dados da figura 10, podemos observar que 22,7% dos psicólogos assalariados concluíram a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado 14,6% e doutorado 8,1%). Essa porcentagem de doutores assalariados pode significar que estão trabalhando como docentes de ensino superior em universidades públicas ou privadas (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010). Aqui podemos perceber a importância da educação continuada para a trajetória profissional dos psicólogos. Dito de outra maneira, podemos afirmar que a pós-graduação desempenha um papel importante na inserção dos egressos nos mercados de trabalho acadêmico e não-acadêmico. Para esses autores, esses dados permitem observar que “os psicólogos que mantêm a relação de trabalho como “assalariado e autônomo” são os profissionais que mais fizeram pós-graduação, exigência do mercado de trabalho para que se mantenham em atividade” (p. 126).

Louzada e Filho (2005) realizaram uma pesquisa com doze doutorandos brasileiros da área de saúde, em uma universidade pública, com objetivo de investigar as expectativas e os planos de carreira dos futuros doutores diante das inúmeras mudanças no mundo do trabalho científico. Seus achados apontaram que onze desses participantes apresentavam dúvidas no que se refere ao seu futuro na atividade de pesquisa, destacando a alta competitividade existente no mundo da ciência. Algumas possibilidades enxergadas por esses doutorandos eram: fazer pós-doutorado, trabalhar

como professor visitante, participar de algum projeto em cooperação com outra instituição, fazer concurso para uma universidade pública, atuar em instituição privada de ensino.

A partir dos achados dessa pesquisa, os autores observaram que os entrevistados desejam um contrato de trabalho por tempo ilimitado. O seu objetivo principal era fazer um concurso para trabalhar em universidade pública. Para os autores, somente uma doutoranda se referiu ao trabalho em instituições de ensino da rede privada. “E nenhum deles fez referência a um possível trabalho em outro tipo de empresa. Essa parece ser uma tendência nos pós-graduandos brasileiros, já que alguns estudos quantitativos trazem dados que caminham nessa direção” (p. 274).

No Brasil, a literatura sobre egressos da pós-graduação ainda é incipiente. “Embora algumas pesquisas tenham sido realizadas na década de 1980 e os “Portais do Egresso” tenham proliferado nos últimos anos, os estudos de egressos continuam esporádicos, pouco utilizados e com insuficiências metodológicas [...]” (Paul, 2015, p. 309). Não obstante, Velloso (2002) coordenou uma pesquisa com cerca de 3600 mestres e 1800 doutores formados no país na década de 1990, em nove áreas de conhecimento diferentes: Administração, Agronomia, Bioquímica, Clínica Médica, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Física, Química e Sociologia. A pesquisa teve intuito analisar o destino profissional e a trajetória acadêmica de mestres e doutores, além das relações entre a formação e o trabalho desses pós-graduados brasileiros.

Neste mesmo estudo, num capítulo assinado por Bôas, Barbosa e Maggie (2002), as autoras buscaram entender de que forma esses pós-graduados se aproximam ou se distanciam da academia depois da sua formação na pós-graduação. As categorias consideradas pelas autoras eram: “atua na academia”, “irá para academia” e “não atua na academia”. Seus achados apontaram que as áreas como Administração, Clínica Médica, Engenharia Elétrica estão com mais da metade dos egressos atuando fora da academia. As outras áreas como Física, Química, Sociologia e Bioquímica tinham a maioria dos titulados atuando na academia. Para as autoras, “não é difícil criar hipóteses explicativas para essas diferenças associadas à configuração específica do mercado de trabalho de cada um dos grupos profissionais” (p. 411). Desse modo, sobre o destino profissional dos pós-graduados, apontaram que “em síntese, podemos dizer que a

passagem pela pós-graduação funciona como um fator importante de atração de quadros para a academia e também para a estabilização desses quadros nessa instância” (p. 416).

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Analisar a trajetória profissional dos egressos do Doutorado do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

### ***Objetivos específicos***

- a) Identificar e caracterizar os egressos do doutorado do programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG;
- b) Traçar o perfil profissional dos egressos da pós-graduação.



## MÉTODOS

### Reflexões metodológicas

Para a realização desta pesquisa, o procedimento de coleta de dados que foi utilizado foi o da pesquisa documental<sup>7</sup>.

O uso da pesquisa documental é apropriado quando se quer investigar um fenômeno já sucedido, possibilitando a obtenção de informações depois de muito tempo ou quando a interação com os sujeitos pode alterar o comportamento, isto é, comprometendo os dados (Kripka, Scheller & Bonotto, 2015). Uma outra vantagem da análise documental é o custo baixo. Ela requer somente o tempo e a atenção do pesquisador para obter e analisar os dados considerados relevantes para a pesquisa (Lüdke & André, 1986). A pesquisa documental se caracteriza pela fonte de dados que está restrita a documentos<sup>8</sup>, escritos ou não (Marconi & Lakatos, 2007), considerados “meios de comunicação” (Flick, 2009a).

Esses documentos podem ser documentos públicos (projetos de lei, impressos, debates, etc.), arquivos particulares ou pessoais (cartas, diários, memórias e autobiografias), fontes estatísticas, documento de comunicação de massa (jornais, fitas de cinema, programas de televisão e de rádio), registros institucionais (atas de reunião, relatórios, etc.), normas, pareceres, memorandos, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares (Lüdke & André, 1986; Marconi & Lakatos, 2007; Gil, 2010).

Os documentos são constituídos por duas dimensões, que dizem respeito a: a) autoria e b) o acesso a esses documentos. A autoria se refere a documentos pessoais que se diferem dos documentos privados e públicos. Nesse sentido, o termo de classificação

---

<sup>7</sup> De acordo com Kripka, Scheller e Bonotto (2015), “[...] a pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno” (p. 244). Nesse sentido o método utilizado para a análise dos documentos chama-se de “método de análise documental”.

<sup>8</sup> Para Laville e Dionne (1999) “o termo designa toda fonte de informações já existente” (p. 166).

desses documentos é a acessibilidade. Assim, considera-se que o acesso pode ser caracterizado por quatro alternativas que são: fechado, restrito, de arquivo aberto e de publicação aberta (Scott, 1990). De acordo com Green e Thorogood (2004),

[...] nem sempre é necessário coletar novos dados primários para pesquisa, e usar documentos existentes pode ser um uso eficiente de recursos para muitas questões qualitativas. Possíveis fontes documentais incluem registros públicos, documentos particulares, publicações de pesquisa, arquivos, dados de pesquisa e fontes de mídia de massa. Como dados produzidos pelo pesquisador, os dados documentais podem ser analisados a partir de várias perspectivas qualitativas (p. 155).

Nesse sentido, na pesquisa documental, o método para analisar os documentos é denominado “método de análise documental”. Como tratamento de informações inclusas em documentos acumulados, a análise documental possui como objetivo oferecer uma forma favorável e retratar de outra maneira essa informação. O propósito a alcançar é a acumulação de modo mutável e a simplificação do acesso ao observador, de maneira a obter a maior quantidade de informação com o máximo de pertinência. Nesse sentido, a análise documental consiste em uma etapa preliminar de construção de um banco de dados (Bardin, 2008). Neste contexto, Ramez e Shamkant (2005) ressaltam que “um banco de dados é projetado, construído e povoado por dados, atendendo a uma proposta específica. Possui um grupo de usuários definido e algumas aplicações preconcebidas, de acordo com o interesse desse grupo de usuários” (p. 3).

Nesta perspectiva, a análise documental constitui um método importante, uma vez que “os documentos podem ser instrutivos para a compreensão das realidades sociais em contextos institucionais” (Flick, 2009a, p. 237). Diferentemente das técnicas de coleta de dados que são aplicadas diretamente com as pessoas, as fontes documentais têm a capacidade de possibilitar ao pesquisador dados que são suficientes em termos de quantidade e de qualidade, a fim de evitar uma perda de tempo e constrangimento. Esses dados são obtidos de maneira indireta (Gil, 2010). Nesse sentido, o pesquisador precisa ter uma definição clara de seus objetivos, a fim de saber que tipo de documentação será adequado às suas necessidades (Marconi & Lakatos, 2007).

O método de análise documental é um método da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, a abordagem que será usada para tratar os dados será a qualitativa. A pesquisa qualitativa faz uso do texto como material empírico. Ela parte do princípio de uma

construção social das realidades estudadas, tem interesse nos pontos de vista dos participantes, nas suas atividades do cotidiano, além do seu conhecimento do dia a dia em relação a questão em estudo (Flick, 2009b). Nesse contexto de pesquisa qualitativa, a comunicação do pesquisador desempenha um papel importante na construção do conhecimento. Sendo assim, “a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo da pesquisa” (Flick, 2009a, p. 25).

Flick (2009a), ainda aponta alguns cuidados a tomar ao fazer uso da análise documental, destacando que “ao optar pela análise de documentos, o pesquisador deve considerar quem produziu os documentos, com que objetivos, quem os utiliza em seu contexto natural e a forma como selecionar uma amostra adequada de documentos individuais” (p. 236). Cabe ainda ressaltar que a “análise documental, como técnica exploratória, indica problemas que devem ser mais bem explorados através de outros métodos. Além disso ela pode complementar as informações obtidas por outras técnicas de coleta” (Lüdke & André, 1986, p.39).

No que se refere à análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo segundo Bardin (2008). De acordo com a autora, a Análise de Conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 44).

É uma técnica que consiste no estudo do conteúdo simbólico das mensagens que tem por função encontrar as respostas para as perguntas elaboradas e/ou comprovar uma hipótese pré-estabelecida (Gomes, 2001). Neste caso, em busca das respostas para o problema da pesquisa, o pesquisador descreve e interpreta o conteúdo das mensagens, contribuindo para a produção de conhecimento da área em questão (Kripka, Scheller & Bonotto, 2015).

A análise documental por meio da Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (2008), pode ser feita a partir de três principais etapas que representam três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a organização do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Nesse sentido, a pré-análise constitui a fase da organização do material (escolha e seleção dos documentos), tem por objetivo

sistematizar e tornar operacionais as ideias iniciais. Além do mais, consiste na elaboração de hipóteses e/ou objetivos e na organização de indicadores que fundamentam a interpretação dos resultados. Já na exploração do material será feita a codificação (seleção das unidades de contagem), a categorização (a escolha das categorias) e a classificação (escolha das regras de contagem). Enfim, o tratamento dos resultados será a interpretação referencial, a partir de proposições de inferências e interpretações com base nos objetivos previstos. Para a autora, “[...] os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas pode servir de base a uma outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticadas graças a técnicas diferentes” (p. 128).

### **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa em questão constitui-se como um estudo exploratório quantitativo e qualitativo, operacionalizado através da alimentação de um banco de dados<sup>9</sup> sobre os egressos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Este banco de dados é composto por uma planilha eletrônica, referente aos titulados doutores (n=88) de 2012 até agosto de 2018. Em março de 2019, solicitaram-se para o Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DRCA) via *e-mail*, dados sobre os egressos do doutorado para esta pesquisa. No entanto, depois de várias tentativas, o departamento negou o acesso a esses dados solicitando o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). Porém, a pesquisa não precisou ser submetida ao COEP, já que se tratava de uma pesquisa documental. Por conseguinte, o levantamento das informações foi feito por meio de

---

<sup>9</sup>O banco de dados em questão, foi criado em 2017 pelo grupo Alumni - Grupo Transdisciplinar de Estudos sobre Carreira e Egressos, coordenado pelo Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino. Foi atualizado até novembro de 2019, com a inclusão dos novos egressos titulados nos anos de 2017 e 2018.

consulta de dados publicizados em plataformas virtuais, tais como o currículo lattes<sup>10</sup> dos egressos, bibliotecas de dissertações e teses, linkedIn<sup>11</sup>, dentre outras.

Consideraram-se dados relativos aos egressos que defenderam as teses de doutorado até o ano de 2018. Já que esta pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória profissional dos egressos, por isso nós não consideramos os egressos de 2019, uma vez que esses últimos não teriam tempo de inserção profissional suficiente para essas análises. Nesse sentido, os egressos considerados têm tempos de inserção diferentes (tempo maior de sete anos de atuação e tempo menor de um ano, considerando os que defenderam em 2018). Nesse sentido, os critérios de inclusão dos participantes foram: a) ser titulado do doutorado do PPGP da UFMG entre 2012 e 2018; b) ter no mínimo um ano de titulação e/ou de atuação profissional no momento da pesquisa.

Sendo assim, inseriram-se as informações coletadas em uma planilha. Nesta planilha, nós reunimos as seguintes informações: nome do egresso, título, banca examinadora, data de titulação, ano de defesa, orientador, coorientador, linha de pesquisa, área de concentração, instituição de graduação, instituição de mestrado, área de graduação, ano de graduação, especialização/ções, área de mestrado, ano de

---

<sup>10</sup> Na década de 1980 surgiu uma preocupação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a criação de um formulário padrão para o registro de currículos dos pesquisadores brasileiros, que permitiria a avaliação dos pesquisadores, a geração de uma base de dados que proporcionasse a seleção de consultores e especialistas, e a produção de estatísticas sobre a repartição da pesquisa científica no Brasil. Sendo assim, foi criado um sistema chamado Banco de Currículos e no final da mesma década, o CNPq já tornava disponível às universidades e institutos de pesquisa buscas sobre os pesquisadores brasileiros por meio da rede BITNET (anterior à internet brasileira). A partir da popularização do Sistema Operacional *Windows* no meio acadêmico, o CNPq disponibilizou para o ambiente *windows* o *curriculum vitae* do Orientador juntamente com os formulários eletrônicos, com intuito de automatizar os programas de bolsas da pós-graduação e habilitar os orientadores. Desse modo, a plataforma Lattes foi criada em 1999, sendo o formulário de currículo a ser usado no âmbito do Ministério da Ciência e Tecnologia e CNPq. Ela possui mais de quatro milhões de currículos acadêmicos. O nome da plataforma e dos currículos acadêmicos é dado em homenagem ao físico brasileiro descendente de italianos Césare Mansueto Lattes, mais conhecido como César Lattes.

<sup>11</sup> O LinkedIn foi criado em 2002 pelo Reid Hoffman e foi oficialmente lançado em 5 de maio de 2003. Tem como missão criar oportunidades econômicas para cada integrante da força de trabalho mundial através do desenvolvimento contínuo do primeiro Gráfico econômico mundial. Considerado a maior rede profissional do mundo, atualmente a rede possui mais de 562 milhões de usuários em 200 países e territórios. A rede possui um modelo de negócios diversificado, onde a receita origina-se de vendas de publicidade, assinaturas e de soluções de contratações. O LinkedIn foi adquirido pela Microsoft em dezembro de 2016, dessa forma são unidos o maior serviço de nuvem profissional do mundo com a maior rede profissional do mundo.

mestrado, bolsista, doutorado-sanduiche<sup>12</sup>, lattes, atualização do lattes, linkedIn, docência após o doutorado (vínculo atual), docência após o doutorado (vínculo anterior), outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo atual), outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo anterior), setor outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo atual), setor outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo anterior), pós-doutorado.

Para esta pesquisa, especificamente, consideraram-se para análises as seguintes variáveis<sup>13</sup>: linha de pesquisa, área de concentração, instituição de graduação, instituição de mestrado, instituição de doutorado-sanduiche, área de graduação, ano de graduação, especialização/ções, área de mestrado, ano de mestrado, docência após o doutorado (vínculo atual), docência após o doutorado (vínculo anterior), outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo atual), outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo anterior), setor outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo atual), setor outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo anterior).

Obtiveram-se as informações referentes aos nomes, datas de titulação, ano (de titulação), orientador, coorientador, título, banca examinadora nos dados fornecidos pelo Programa e no Currículo Lattes de cada egresso. Utilizaram-se as teses para obter informações sobre a banca examinadora e o título. Este último foi usado nesta pesquisa para verificar se o egresso está atuando com o tema da sua pesquisa de doutorado, enquanto pesquisador. Obtiveram-se as informações sobre a Área de Concentração e linha de pesquisa no resumo do lattes, no *site* do Programa, nos documentos referentes ao processo seletivo de entrada do egresso e também na divulgação das bancas de qualificação e/ou defesa.

Obtiveram-se os dados sobre a instituição de graduação, área de graduação, ano de graduação, especialização<sup>14</sup>, ano de defesa de Mestrado, docência após o doutorado (vínculo atual), docência após o doutorado (vínculo anterior), outra ocupação

---

<sup>12</sup> O doutorado-sanduiche consiste em uma oportunidade para o aluno de doutorado cursar parte do seu estudo em outra universidade brasileira ou universidade estrangeira que tenha convênio com o Programa de bolsas da CAPES. O programa foi criado pela CAPES para que doutorandos do Brasil tenham oportunidades de estágio e pesquisa fora do país.

<sup>13</sup> Cada uma dessas variáveis representa uma coluna da planilha.

<sup>14</sup> É importante ressaltar que são considerados especializações cursos de duração igual ou superior a 360h. Cursos inferiores a isto não são reconhecidos como especializações, por mais que o egresso os tenha colocado em seu currículo enquanto tais.

profissional após o doutorado (vínculo atual), outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo anterior) por meio de buscas no currículo Lattes dos egressos. O LinkedIn foi utilizado também para encontrar informações sobre a experiência profissional dos egressos que não trabalham na academia. Buscaram-se os perfis dos egressos no próprio LinkedIn e também por meio de pesquisas no Google.

A etapa seguinte foi transformar os dados contidos na planilha em tabelas, gráficos e mapa para uma melhor compreensão e uma melhor leitura dos dados relativos à proveniência e à atuação profissional dos egressos. A construção do mapa revelou a espacialização do destino profissional dos Egressos do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Áreas de Concentração em Psicologia Social, Estudos Psicanalíticos e Desenvolvimento Humano, da UFMG.

#### **Descrição dos itens<sup>15</sup> considerados**

**Quantidade de Defesas** - consideraram-se as defesas de 2012 a 2018, a fim de encontrar uma evolução ou um decréscimo dos números ao longo dos anos;

**Linha de Pesquisa** - este item teve como intuito analisar a quantidade de doutores que se formaram em cada linha de pesquisa durante o período estudado;

**Área de Concentração** - este item teve como objetivo mapear a quantidade de egressos que obtiveram o título em cada área;

**Instituição de Graduação** - este item teve como objetivo ajudar a entender a procedência dos doutores, em termos das instituições nas quais cursaram a graduação, a fim de ter uma ideia do perfil desses egressos;

**Instituição de Mestrado** - este item teve como objetivo entender o perfil e a origem dos doutores que se formaram pela instituição;

**Área de Graduação** - a análise deste item procurou entender as áreas de formação graduada dos doutores, a fim de saber se todos os egressos tinham como formação a Psicologia e, se não, quais eram as áreas;

**Área de Mestrado** - este item teve como intuito de entender as áreas de formação dos egressos durante o Mestrado;

---

<sup>15</sup> A palavra item aqui se refere aos itens do banco de dados utilizados nesta pesquisa. Nesse sentido, a descrição desses itens representa uma descrição das variáveis.

**Ano de Graduação** - este item teve como objetivo traçar o tempo de “conclusão” da trajetória acadêmica dos egressos, ou seja, o período entre a formação graduada e a defesa do doutorado;

**Ano de Mestrado**- este item teve como objetivo de entender o ano de conclusão do curso de Mestrado de cada egresso;

**Especialização/ções** - este item foi considerado na lógica de entender melhor a formação continuada dos doutores, em termos das contribuições dessa formação para sua trajetória profissional;

**Instituição de sanduíche** - a análise deste item procurou entender quantos dos doutores foram contemplados com um período de doutorado-sanduíche durante a formação e a influência deste período na vida profissional dos egressos;

**Docência após o doutorado (vínculo anterior)** - a análise deste item teve como objetivo mostrar a quantidade de egressos que atuaram como docentes no passado, mas dentro do período analisado;

**Docência após o doutorado (vínculo atual)** - este item foi considerado no intuito de demonstrar outro aspecto importante para o tema, que é a ocorrência de egressos que partiram para docência, e a quantidade destes que estão em instituições públicas ou privadas (ou ambas);

**Outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo atual)** - este item teve como objetivo de mostrar a quantidade de egressos que possui outra ocupação profissional;

**Outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo anterior)** - esta análise procurou entender quais dos doutores tiveram outra ocupação profissional no passado, ou seja, durante o período estudado, a fim de entender melhor a sua trajetória profissional;

**Setor outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo anterior)** - este item teve como objetivo entender em quais setores institucionais atuaram os egressos, no passado, porém, dentro do período investigado;

**Setor outra ocupação profissional após o doutorado (vínculo atual)** - este item foi considerado com objetivo de entender em quais setores institucionais atuam os egressos, atualmente.



## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Na primeira parte deste capítulo será feita uma breve contextualização do campo em que se deu esta pesquisa, que é curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Destacam-se aqui somente as informações necessárias para a compreensão da estrutura do curso no que se refere à formação de pesquisadores e de docentes qualificados. Pautaram-se os apontamentos a seguir nas informações disponíveis no *site*<sup>16</sup> do programa.

### Contextualizando o campo de pesquisa

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG é constituído pelos Cursos de Mestrado e Doutorado. Ele objetiva a formação de pessoal qualificado na área de conhecimentos da psicologia e das ciências humanas, de modo geral, para o exercício de atividades de ensino e de pesquisa, e concede os graus de Mestre e Doutor. De acordo com o Regulamento de Curso<sup>17</sup>, o Mestrado possui como objetivo “o aprofundamento do conhecimento profissional e acadêmico, bem como o desenvolvimento de habilidades para atividades de magistério superior e para a execução de pesquisa em Psicologia e de pesquisas inter e transdisciplinares que envolvam conhecimentos da área da Psicologia” (UFMG, 2010, p. 3). Segundo esse mesmo documento, além dos objetivos do Mestrado, o Doutorado tem como objetivo “o desenvolvimento da habilidade de desenvolver pesquisa original e independente em Psicologia e pesquisas inter e transdisciplinares que envolvam conhecimentos da área da Psicologia” (UFMG, 2010, p.3).

O curso de mestrado em Psicologia teve seu início em 1989, com um corpo docente muito diverso e apresentado em volta de duas Áreas de Concentração: Desenvolvimento Humano e Processos Psicossociais. Foi somente em 1991 que teve início o curso de mestrado com Área de Concentração em Psicologia Social, com a aprovação da CAPES para a abertura do mesmo. O curso também integrava docentes de

---

<sup>16</sup> <http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/>

<sup>17</sup> O regulamento foi aprovado em reunião do colegiado do programa de pós-graduação em psicologia em 17 de maio de 2010 e também foi aprovado “*ad referendum*” pela câmara de pós-graduação em 10 de março de 2011.

outras áreas por meio de linhas de pesquisas similares, embora tenha-se focalizado na Psicologia Social e Comunitária.

Posteriormente, novos doutores com formações diversificadas se juntaram ao programa. Nessa sequência, um conjunto de professores da área de Psicanálise solicitaram a abertura de uma área de concentração em Estudos Psicanalíticos. Sendo assim, essa nova área foi aprovada em 1998 e o seu funcionamento iniciou em 1999.

Com o estabelecimento da área de concentração em Estudos Psicanalíticos, os professores que atuavam com temas referentes ao desenvolvimento humano, também se juntaram e fizeram a proposta da criação de uma Área de Concentração em Desenvolvimento Humano. Esta área foi homologada em 2003 e teve seu início a contar do primeiro semestre de 2004.

O curso de Doutorado se iniciou em 2008 abrangendo as três Áreas de Concentração. No mesmo ano teve também a reestruturação do curso de mestrado. E depois, em 2016, a Área de Desenvolvimento Humano se desvinculou do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ofertando o Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento.

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia coordena suas atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio de suas três áreas de concentração. Ele é avaliado pela CAPES com nota cinco atualmente. As três Áreas de Concentração são divididas em seis linhas de pesquisa, incorporando doutores com formações variadas nessas três Áreas e, atualmente, possui um total de 27 professores permanentes, com título de doutor. Neste sentido, até o final de 2018, defenderam-se mais de 600 dissertações de mestrado e 89<sup>18</sup> teses de doutorado.

O programa tem como objetivos formar pesquisadores e docentes altamente qualificados; desenvolver modalidades de investigação a fim de compreender e solucionar problemas sociais e psicológicos; promover a articulação entre a produção de conhecimento e as práticas direcionadas às necessidades da população; e formar núcleos de excelência em investigação que sejam articulados a outros núcleos tanto nacionais como internacionais.

---

<sup>18</sup> O presente estudo considerou 88 egressos em vez de 89, uma vez que um deles é estrangeiro e não foi encontrado o seu currículo lattes e nem seu linkedIn que foram as fontes utilizadas para esta pesquisa. Levando em consideração as defesas do ano de 2019, o programa passou a ter um total de 117 egressos de doutorado, mas estes últimos egressos não foram contemplados por esta pesquisa.

Em relação ao Doutorado, especificamente, a estrutura curricular do curso está sistematizada em disciplinas e atividades a serem realizadas pelo aluno. Essas disciplinas estão organizadas em obrigatórias de núcleo comum, metodológicas comuns, obrigatórias de Área e disciplinas optativas comuns a todas as Áreas e optativas da linha de pesquisa ou Área de Concentração do aluno.

Para a obtenção do título de Doutor, o aluno deve cursar no mínimo 44 créditos, antes do exame de qualificação<sup>19</sup>. Os créditos são distribuídos da seguinte maneira: oito créditos em disciplinas obrigatórias do núcleo comum, quatro créditos em disciplinas obrigatórias da Área de Concentração escolhida pelo aluno, quatro créditos em disciplinas metodológicas comuns e 28 créditos em disciplinas optativas. De acordo com o art. 77 do regulamento do curso, o aluno precisa ser aprovado em exame de língua estrangeira, realizado conforme a resolução específica do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE); ser aprovado no exame de qualificação, ser aprovado na defesa da tese e, por fim, apresentar ao colegiado a versão final da tese, no prazo que lhe for determinado, conforme as sugestões da comissão examinadora.

Assim, a partir dessa breve contextualização do campo da pesquisa, a estrutura do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, com destaque daquelas informações que se fizeram necessárias para a compreensão da formação acadêmica e da inserção profissional dos egressos investigados, passa-se para o próximo tópico, onde serão apresentados os dados<sup>20</sup> obtidos sobre esses egressos ao longo desta pesquisa. Os dados serão apresentados em três seções: 1) Perfil do profissional formado pelo programa; 2) Procedência dos egressos do PPGP/UFMG; 3) Trajetória profissional dos egressos.

### **1) Perfil do profissional formado pelo programa**

A partir dos dados coletados, verifica-se que, dos 88 egressos do doutorado formados até agosto de 2018, 12% (11) titularam-se em 2012, 14% (12) titularam-se em 2013, 16% (14) titularam-se em 2014, 15% (13) em 2015, 11% (10) em 2016, 9% (8) em 2017 e 23% (20) em 2018, como pode ser observado na tabela 1.

---

<sup>19</sup> A qualificação do projeto de tese deve ser realizada ao final de vinte e quatro meses, após o ingresso do aluno no curso de Doutorado.

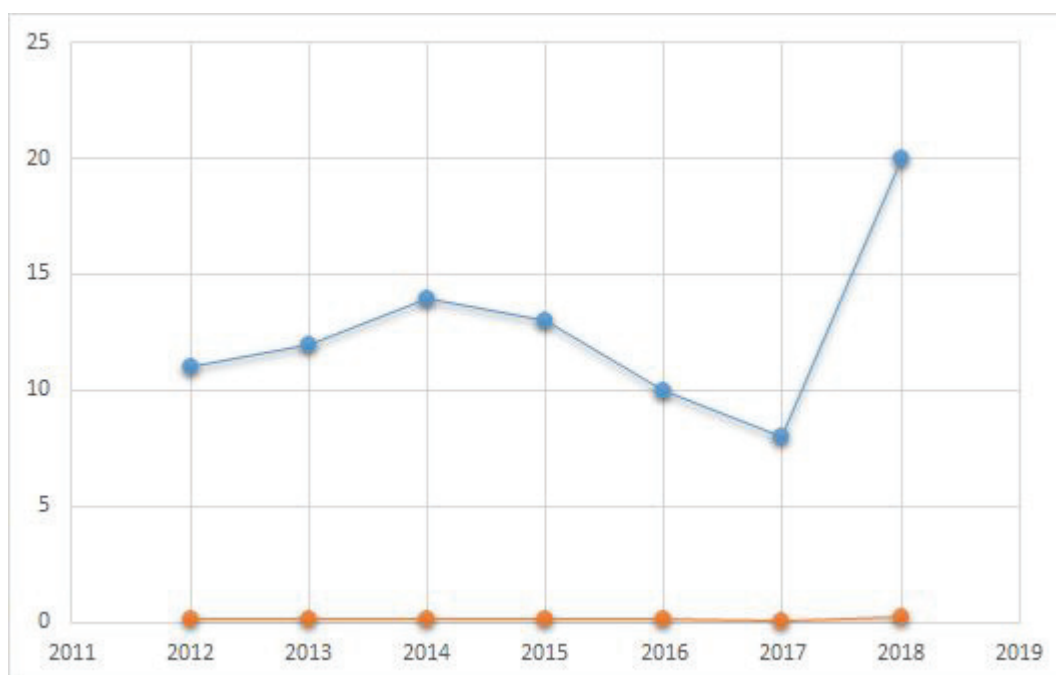
<sup>20</sup> Todos os dados obtidos nesta pesquisa foram arredondados afim de facilitar a sua leitura.

**Tabela 1. Quantidade de defesas por ano**

Titulação	Frequência	%
2012	11	12%
2013	12	14%
2014	14	16%
2015	13	15%
2016	10	11%
2017	8	9%
2018	20	23%
v	88	100%

Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Sendo assim, observa-se, com base nestes dados, que a maioria obteve o grau em 2018. Essa relação pode ser verificada na figura 12 a seguir.

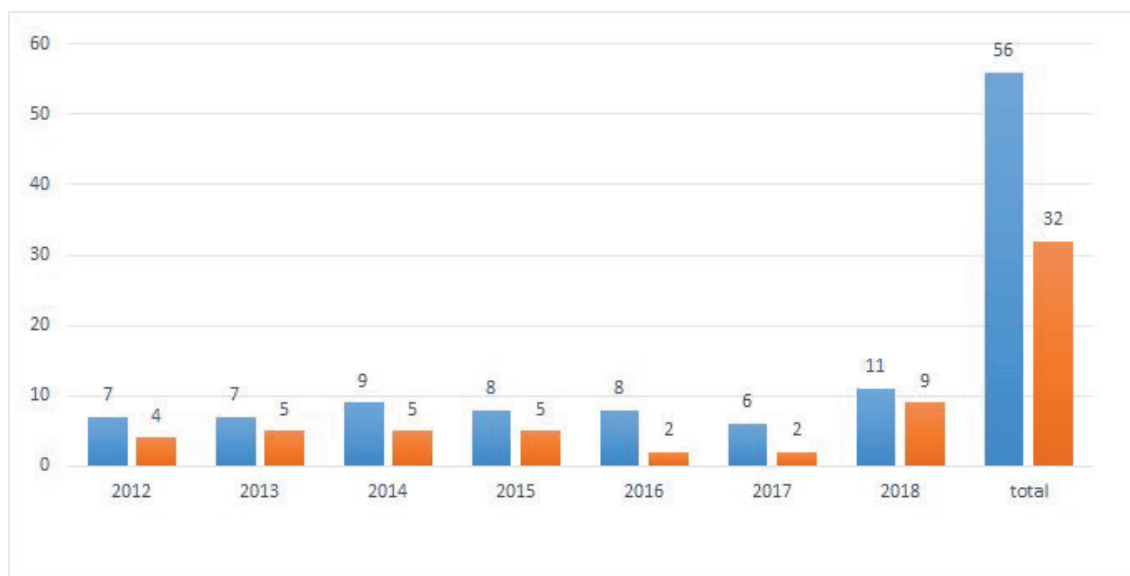
**Figura 12. Número de defesas por ano**

Fonte: currículos Lattes dos egressos.

A análise da tabela 1 e do gráfico apresentado na figura 12 mostra que o ano de 2018 teve mais defesas de teses de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Também mostra que durante os três primeiros anos de titulações após a criação curso de doutorado em 2008, teve uma evolução nas defesas, ou seja, 2012, 2013 e 2014. Também, nota-se que teve um decréscimo nas titulações a partir dos anos de 2015, 2016 e 2017. Dessa forma, o ano 2017, é o ano em que tiveram menos titulações, sendo oito (8) defesas de teses de doutorado.

Em relação ao número de defesas por ano em função do sexo dos egressos que obtiveram titulação de Doutor (a) em Psicologia pela UFMG, de 2012 a 2018, nota-se, na figura 13, que o número de mulheres que concluíram o doutorado foi maior em todos os anos, se comparado com o número de homens.

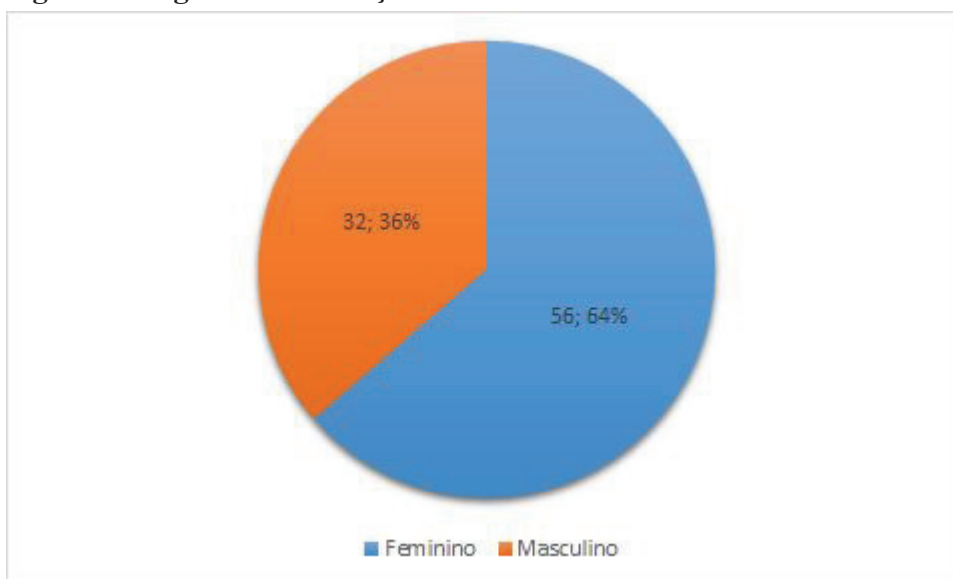
**Figura 13. Número de defesas por ano em função do sexo**



Fonte: documento oficial do Programa referente à titulação dos egressos.

Os achados da figura 13 mostram que o número de mulheres é mais alto em todos os anos. Sendo assim, de 2012 a 2018, titularam-se no programa de pós-graduação em psicologia da UFMG 56 mulheres e 32 homens. Este número pode ser visto com mais clareza na figura 14 a seguir que expõe o total de sujeitos do sexo masculino e feminino que obtiveram titulação nos sete (7) anos analisados, de forma que as mulheres correspondem a 64% e os homens a 36% do total.

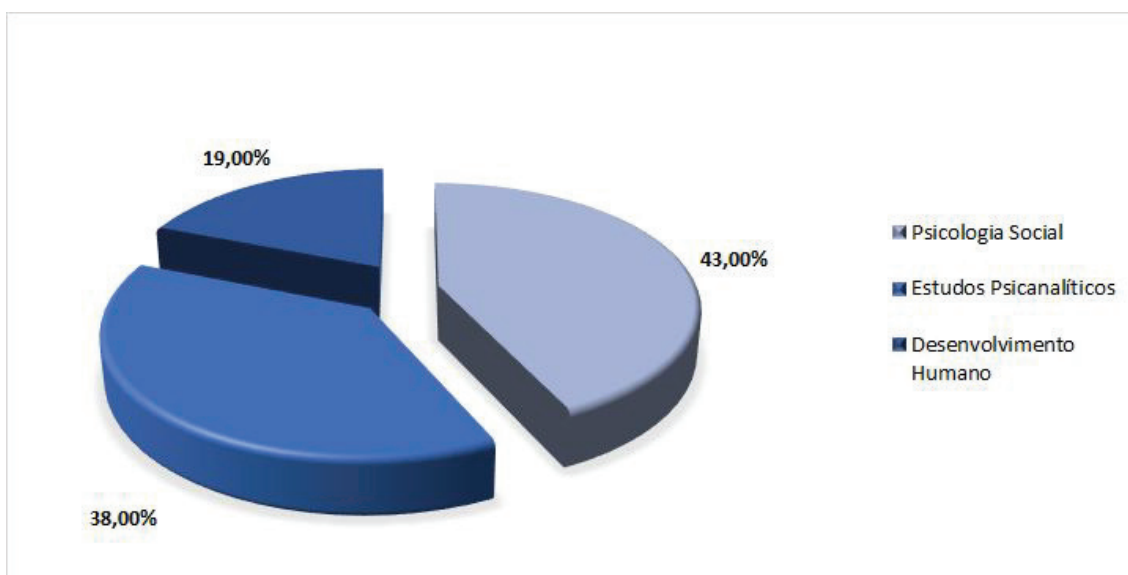
**Figura 14. Egressos em função do sexo**



Fonte: documento oficial do Programa referente à titulação dos egressos.

No que diz respeito à área de concentração escolhida durante a formação, percebe-se que a maioria dos egressos escolheu as áreas de Psicologia Social e de Estudos Psicanalíticos, totalizando 43% (38) e 38% (33) respectivamente, como mostra a figura 15.

**Figura 15. Área de concentração escolhida pelos egressos durante a formação**

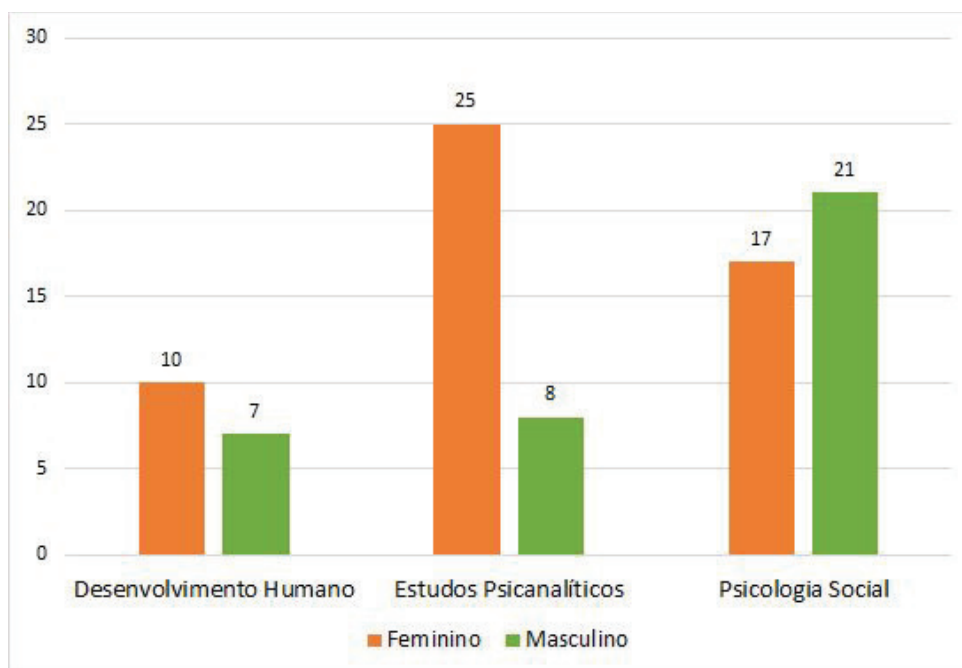


Fonte: currículos Lattes dos egressos.

No que se refere à Área de Concentração e sexo dos egressos, percebe-se que a maioria das mulheres obteve o título de Doutora em Estudos Psicanalíticos (25). A

maioria dos homens obteve o título de Doutor em Psicologia Social (21), como mostra a figura 16.

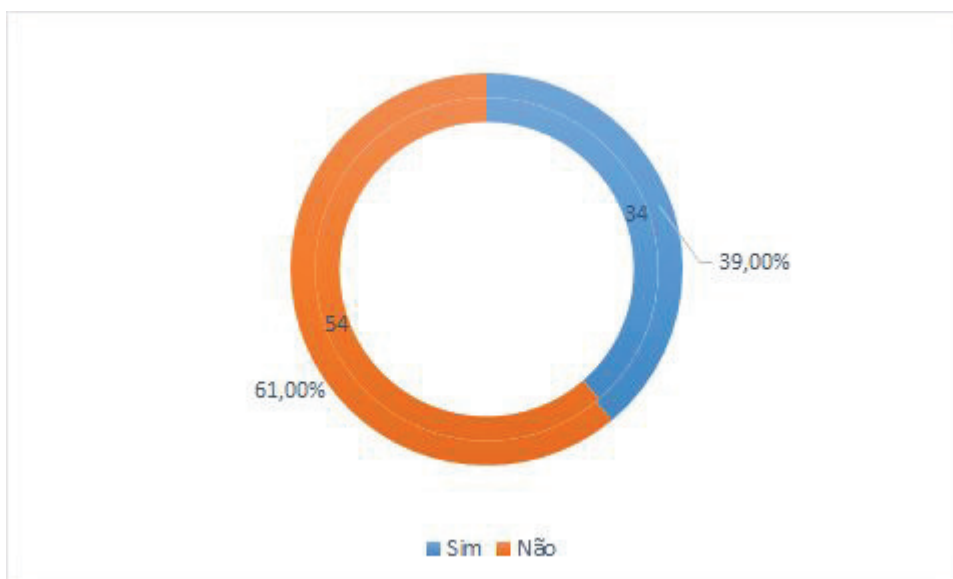
**Figura 16. Área de Concentração e sexo dos Egressos - período 2012-2018**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

No que se refere aos egressos que possuíram bolsa durante o doutorado, 31% (27) possuíram bolsa da CAPES e 8% (7) possuíram bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Verifica-se que uma grande maioria (54 - 61%) da amostra pesquisada não recebeu bolsa durante o doutorado, como pode ser visto na figura 17 a seguir.

**Figura 17. Egressos que receberam bolsa durante o doutorado**

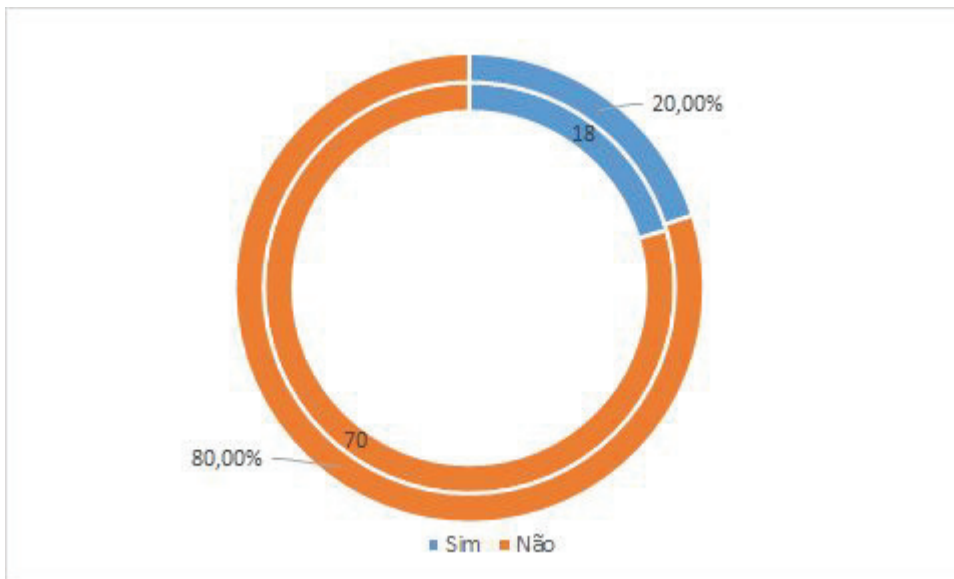


Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Além de tudo, procuramos saber quais dos doutores fizeram doutorado-sanduiche durante a formação e onde fizeram. Observa-se na figura 18 que 18 egressos fizeram, o que representa 20% do total da amostra. As universidades escolhidas para essa etapa da carreira acadêmica foram a Universidad Complutense de Madrid, Université de Renne II, Università di Bologna, Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidad del País Vasco, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de Porto e Conservatoire National des Arts et Métiers. Além disso, do total da amostra, 19% (17) fizeram pós-doutorado após a formação.

**Figura 18. Egressos que realizaram Doutorado-sanduiche durante a formação**

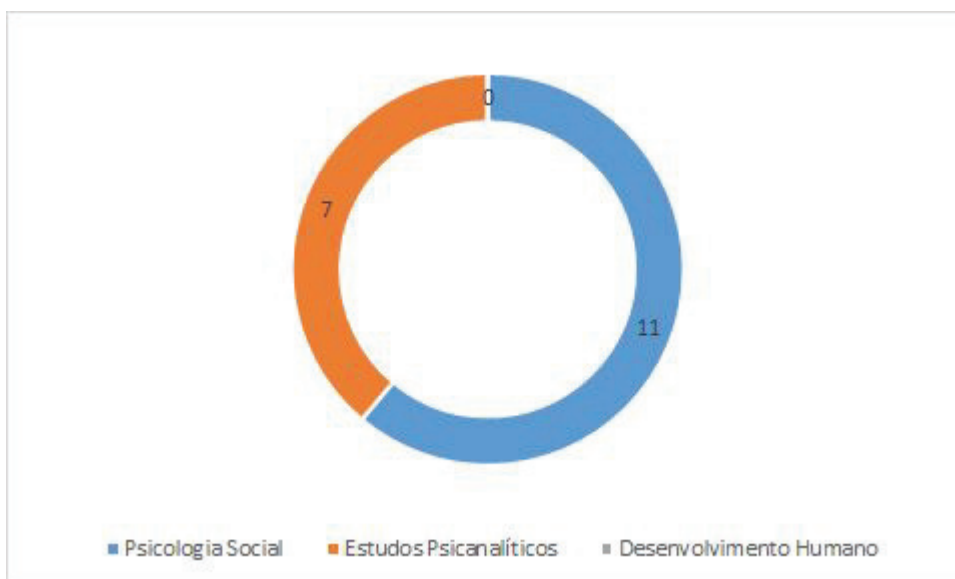




Fonte: currículos Lattes dos egressos.

A figura 19 permite observar a área de concentração dos egressos que fizeram doutorado sanduíche. Percebe-se que dos 18 doutores que fizeram, 11 eram da área de Psicologia social e sete da área de Estudos Psicanalíticos, representando 61% e 39% respectivamente. Nota-se que a área de Desenvolvimento Humano não teve nenhum egresso com experiência de intercâmbio durante o doutorado.

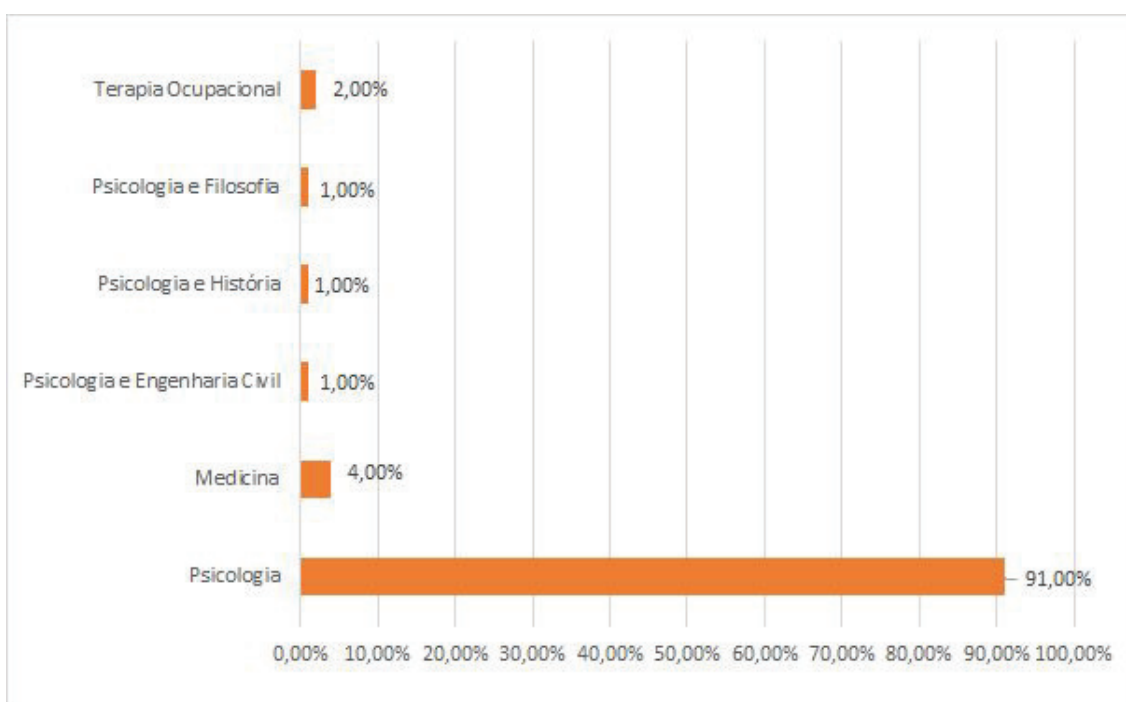
**Figura 19. Egressos que realizaram doutorado-sanduíche distribuídos por área de concentração**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Sobre a área da formação graduada, percebe-se que a maioria dos egressos cursou a Psicologia, perfazendo 91% (80) da amostra. Além do mais, observa-se que uma porcentagem de 4% (3) teve como curso de graduação a Medicina, como mostra a figura 20.

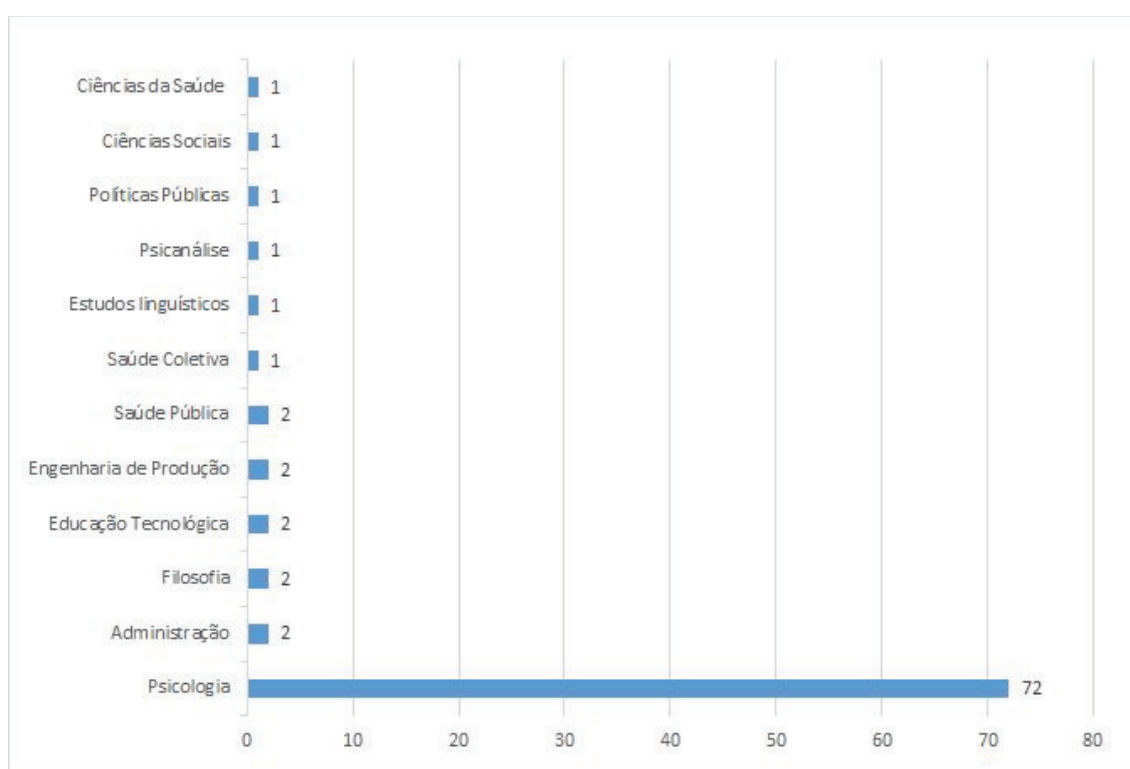
**Figura 20. Área da formação graduada dos egressos**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

No que se refere à área de mestrado, verifica-se que a maioria fez o mestrado em Psicologia, somando um total de 82% (72) dos egressos. Em seguida, as áreas de Administração, Filosofia, Educação Tecnológica, Saúde Pública, Engenharia de Produção são as que mais apareceram, cada uma com um percentual de 2% (2) respectivamente. Por fim, encontraram-se diversas áreas distintas como Estudos linguísticos, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Saúde Coletiva, Políticas Públicas, Psicanálise, com um percentual de 1% (1) respectivamente, como pode ser observado na figura 21.

**Figura 21. Área de Mestrado dos egressos**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Sobre o ano de formação, percebe-se que boa parte dos egressos concluíram a graduação nas décadas de 1990 e 2000, perfazendo 25% e 57% respectivamente, como mostra a tabela 2.

**Tabela 2. Década de conclusão dos cursos de graduação dos egressos**

Década de conclusão de curso	Frequência	%
1970	1	1%

1980	13	15%
1990	22	25%
2000	49	57%
2010	2	2%
v	87 <sup>21</sup>	100%

Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Sobre o ano de defesa do mestrado, verifica-se que os anos 2006, 2009 e 2010 apareceram com porcentagens mais altas, como mostra a tabela 3.

**Tabela 3. Ano de defesa das Dissertações de Mestrado dos egressos**

Ano de defesa do mestrado	Frequência	%
1985	1	1%
1992	1	1%
2000	2	2%
2001	2	2%
2002	5	6%
2003	7	8%
2004	3	3%
2005	5	6%
2006	14	16%
2007	6	7%
2008	4	5%
2009	10	11%

<sup>21</sup> Encontraram-se dados sobre ano de conclusão de graduação para 87 egressos, uma vez que um dos egressos não colocou o ano de graduação em seu Currículo Lattes.

2010	11	13%
2011	8	9%
2012	4	5%
2013	3	3%
2014	2	2%
v	88	100%

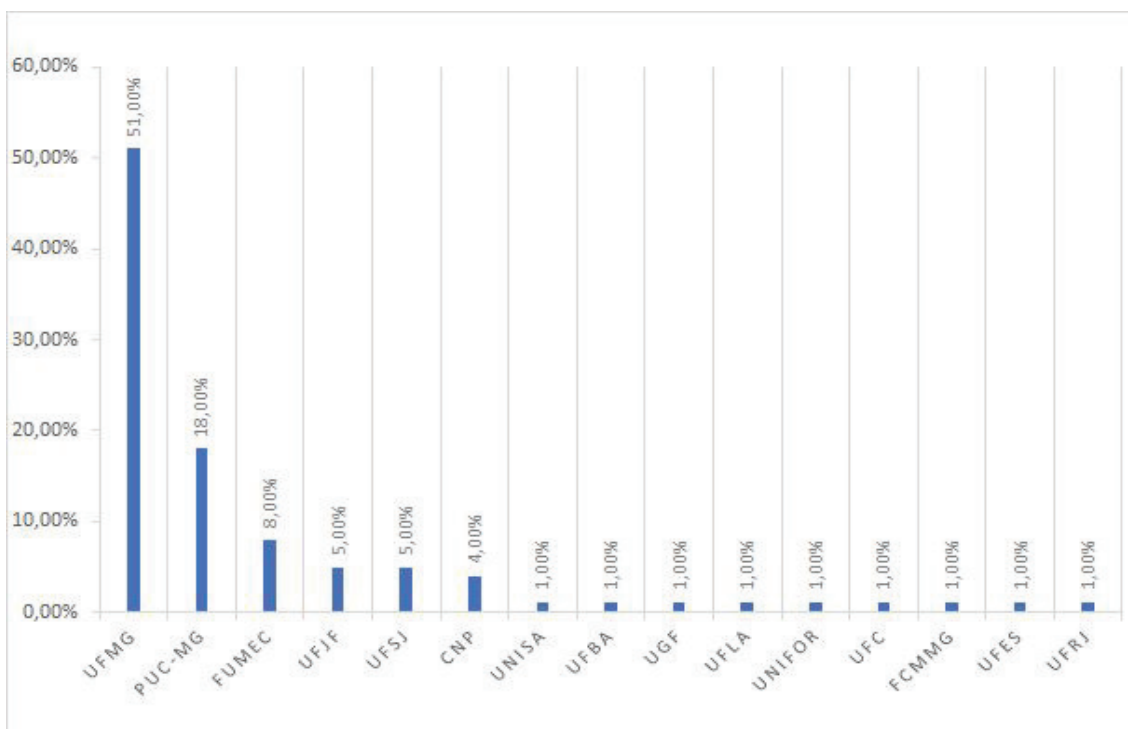
---

Fonte: currículos Lattes dos egressos.

## 2) Procedência dos egressos do PPGP/UFMG

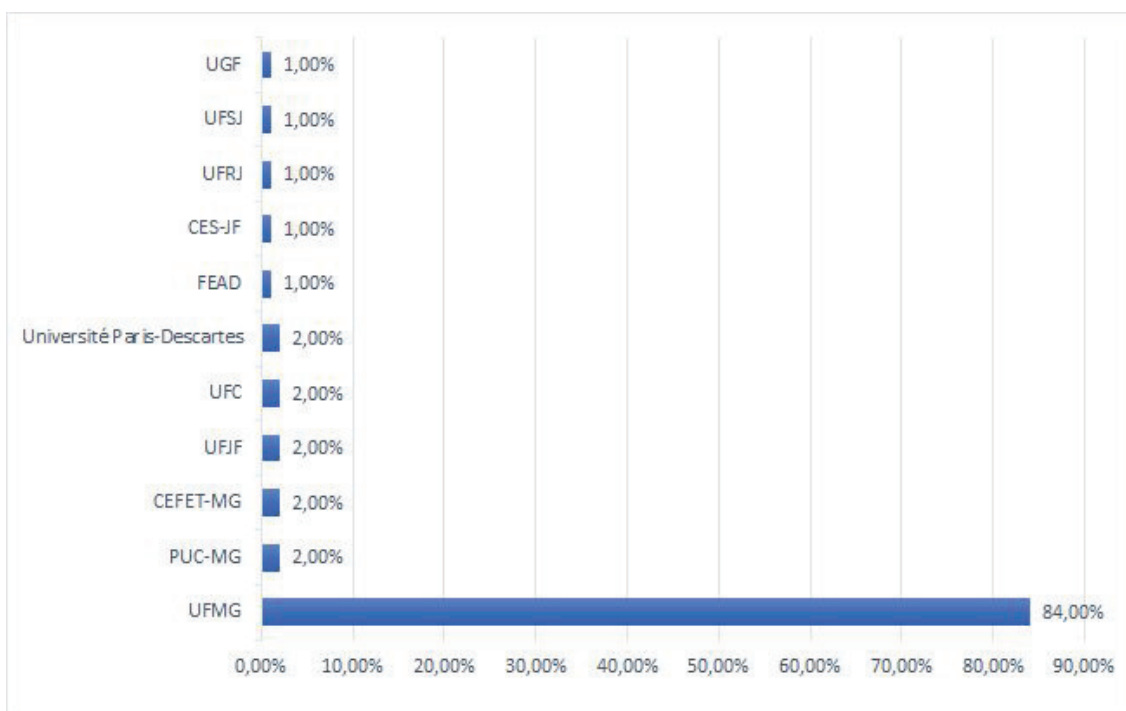
Em relação à procedência dos Doutores, em termos das instituições que cursaram a Graduação, percebe-se que a maioria dos egressos cursou na UFMG, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e na Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), totalizando 51% (45), 18% (16) e 8% (7) respectivamente. A análise dos dados da graduação apresentados na figura 22, mostra que 67% dos egressos obtiveram a sua formação em instituições públicas. Além disso, no que se refere às regiões do País, considerando as instituições de origem, os dados mostram que os egressos eram procedentes de duas regiões do Brasil: Sudeste (98%) e Nordeste (2%).

### Figura 22. Instituição de conclusão dos cursos de Graduação dos egressos



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

A procedência dos Doutores em termos das instituições nas quais cursaram o mestrado está resumida na figura 23. Percebe-se que a grande maioria, 84% (74), cursou na UFMG. O restante cursou o Mestrado em diversas IES, como: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Gama Filho, Universidade Federal do Ceará, entre outras.

**Figura 23. Instituição de conclusão de Mestrado dos egressos**

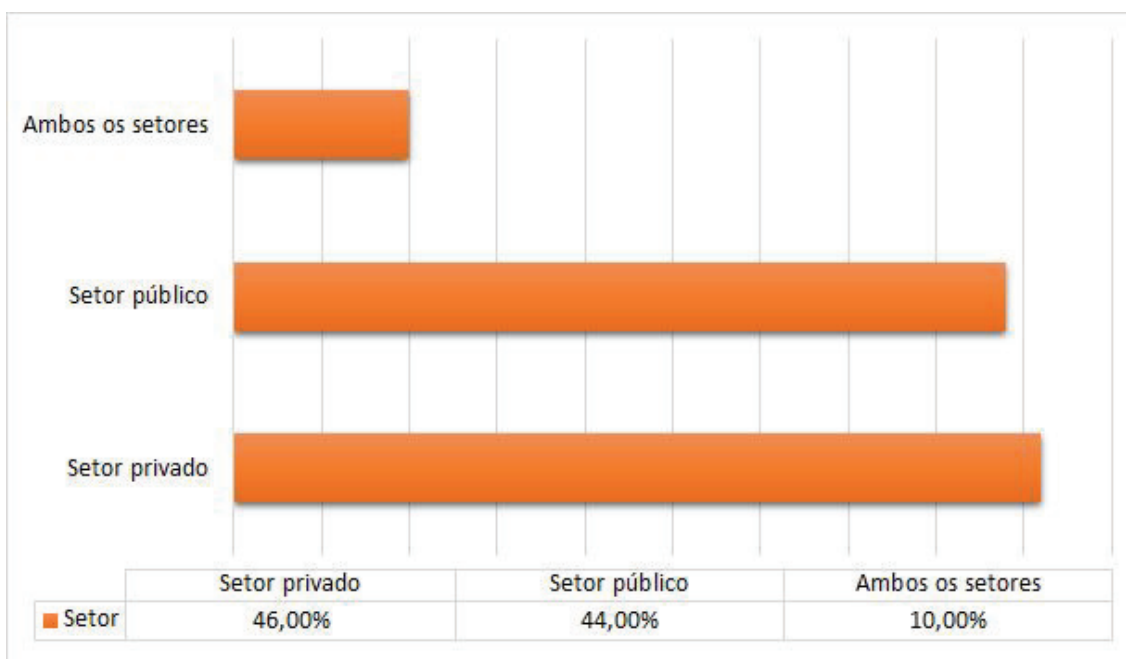
Fonte: currículos Lattes dos egressos.

No que se refere aos Cursos de Pós-Graduação *Lato sensu*, verifica-se que 46 dos egressos fizeram especialização. Cursaram-se 39 cursos, sendo a maioria ligada à Psicologia. Percebe-se que um total de 11 egressos cursaram mais de um curso de especialização, alguns mais de três cursos. Uns dos cursos de especialização cursados são: Psicologia da Educação, Saúde mental, Filosofia clássica, Psicanálise, Saúde pública, Psicologia hospitalar, Psicologia clínica, Psicomotricidade, Psicoterapia centrada na pessoa, Terapia Comportamental, Docência no ensino superior, entre outros. Ainda sobre a formação complementar, verifica-se que todos os egressos tiveram algum tipo de extensão universitária como formação.

### 3) Trajetória profissional dos egressos

No que se refere ao vínculo profissional atual dos egressos, observa-se que — daqueles que atuam na docência, 73 egressos — a maioria atua no setor privado, totalizando uma porcentagem de 46%, como mostra a figura 24.

**Figura 24. Setor de atuação dos egressos que atuam na docência (vínculos atuais)<sup>22</sup>**



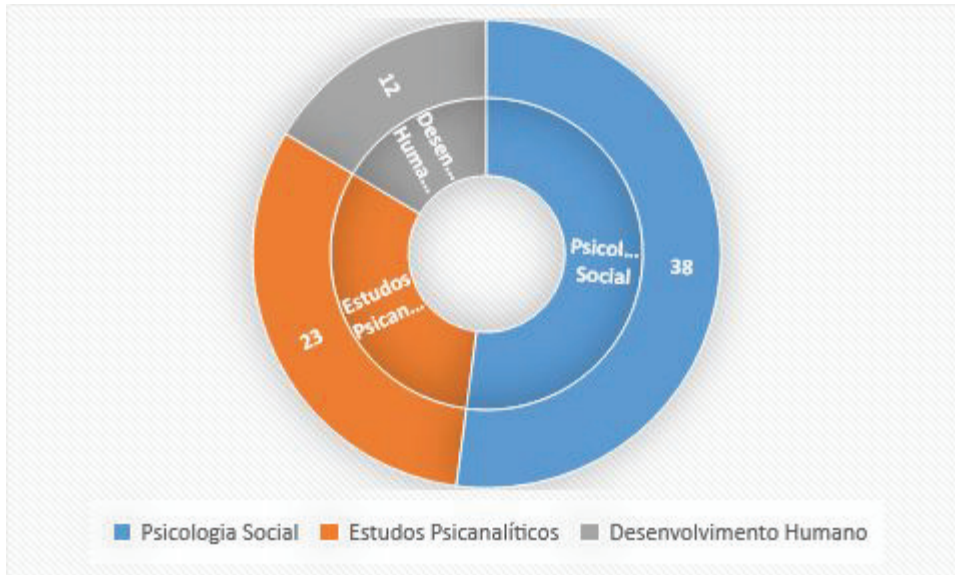
Fonte: currículos Lattes dos egressos.

A análise da figura 25 mostra a área de concentração dos doutores que atuam, atualmente, como docentes. Sendo assim, percebe-se que, desses doutores, 38 eram da área de Psicologia Social, 23 da área de Estudos Psicanalíticos e 12 da área de Desenvolvimento Humano, totalizando 43%, 26% e 14% respectivamente. Dessa forma, a partir desses dados, nota-se que, a maioria dos egressos do programa de pós-graduação em psicologia da UFMG que trabalham como docentes, são oriundos da área de Psicologia Social.

<sup>22</sup> A atuação em docência que se refere esta pesquisa não inclui atuação como professor substituto, uma vez que se tratam de vínculos temporários.



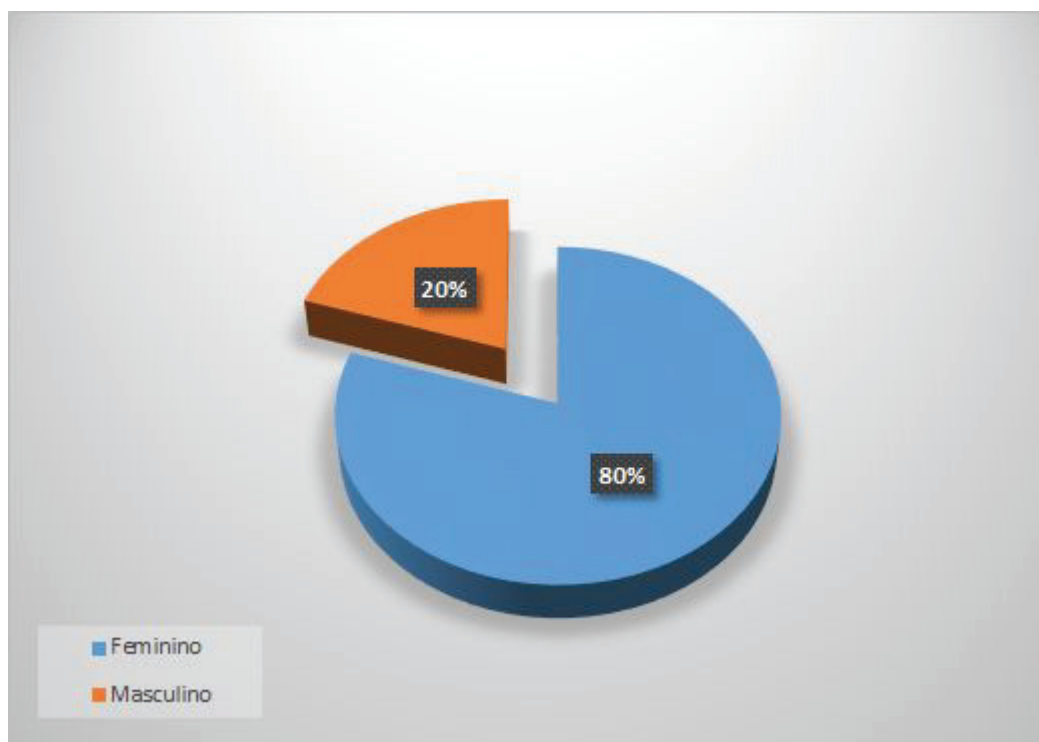
**Figura 25. Atuação docente por área de concentração**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Sendo assim, um grupo de 15 egressos (17%) do total da amostra não atuam como docentes. Verifica-se que dentro deste percentual, a maioria é mulher, como pode ser observado na figura 26.

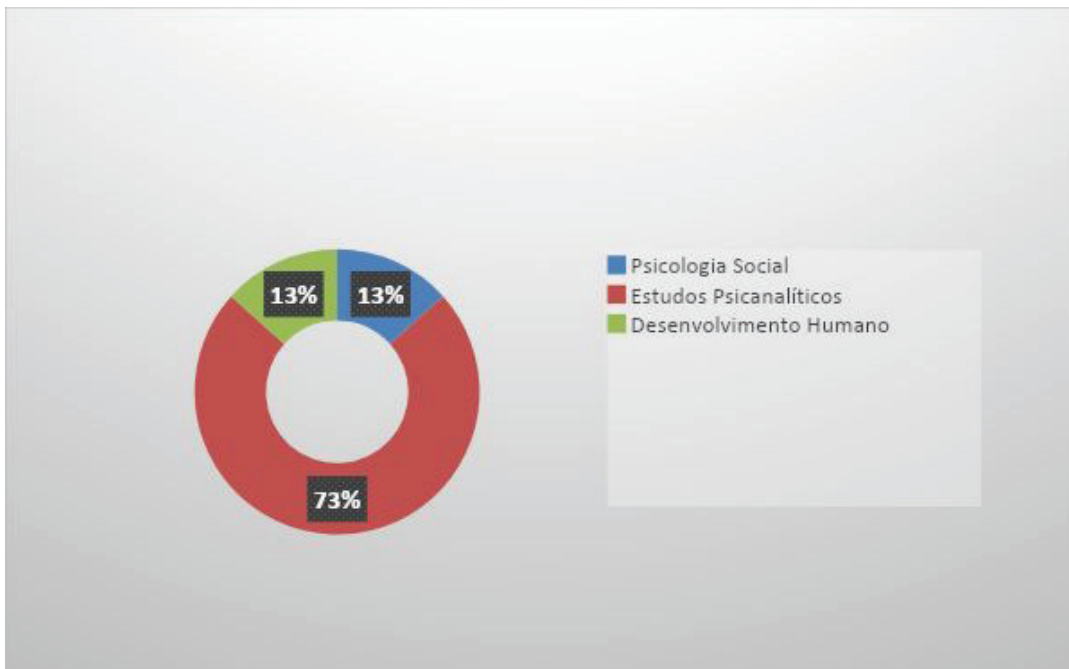
**Figura 26. Sexo dos egressos que não atuam como docentes**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

A figura 27 mostra a área de concentração dos doutores que não atuam como docentes, atualmente. Verifica-se que, dos 15 egressos, 11 (74%) eram da área de Estudos Psicanalíticos, dois (13%) da área de Psicologia social e dois (13%) da área de Desenvolvimento Humano. Com base nestes dados, nota-se que a maioria dos doutores que não trabalham como docentes, atualmente, é oriunda da área de Estudos Psicanalíticos.

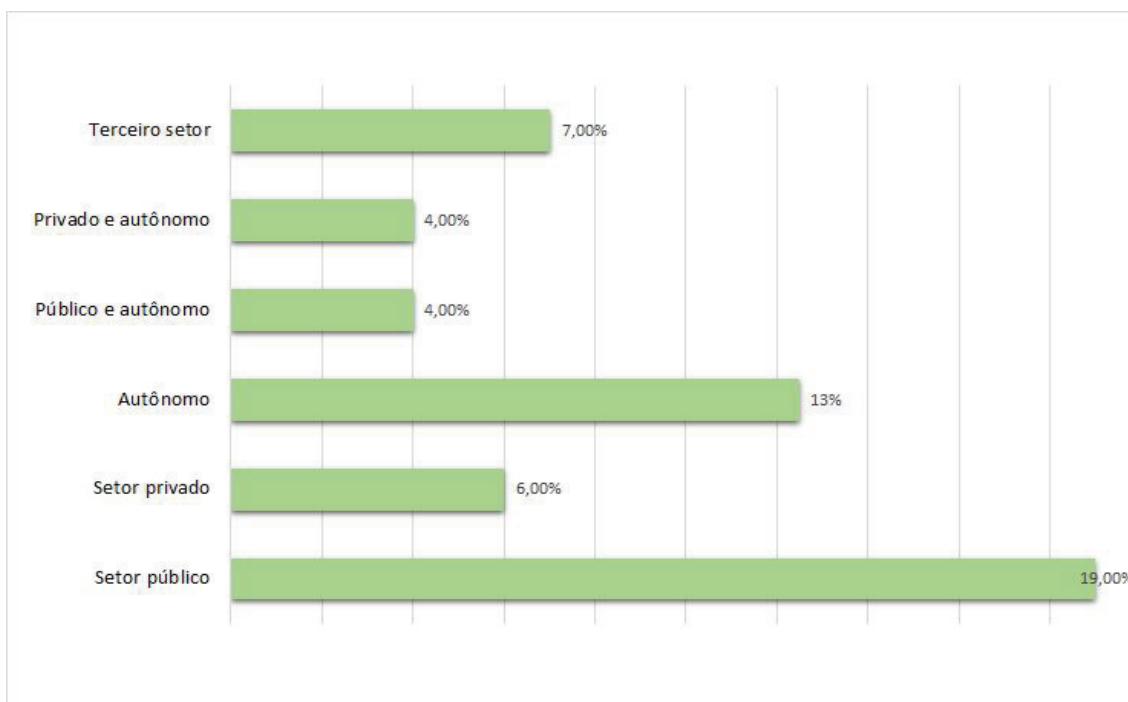
**Figura 27. Egressos sem vínculo docente por área de concentração**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Verifica-se que um total de 53% (47) dos egressos possuem outras ocupações profissionais. Dessa maneira, 45% (40) trabalham como psicóloga e 8% (7) possuem outras atuações profissionais. Nesse sentido, em relação ao setor das outras ocupações profissionais, observa-se que boa parte se encontra nos setores público e autônomo, perfazendo 19% (17) e 13% (11) respectivamente, como mostra a figura 28.

**Figura 28. Setor de atuação dos egressos que possuem outras ocupações profissionais (vínculos atuais)**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

No que se refere aos locais de trabalho dos egressos, observa-se que a maioria atua em universidades/faculdades, representando 74% da amostra, como pode ser visto na tabela 4 a seguir.

**Tabela 4. Locais de atuação principal dos egressos**

Locais de atuação	Frequência	%
Consultório particular	6	12%
Universidades/faculdades	36	74%
Hospitais	4	8%
Órgãos ligados à criança e adolescente	2	4%
Associações	1	2%
v	49 <sup>23</sup>	100%

<sup>23</sup> Para essas análises, consideraram-se somente os egressos que possuem uma única inserção profissional.

Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Dentre os egressos que possuem apenas uma inserção profissional, os resultados revelam que a docência em Psicologia é a área em que mais egressos atuam, com uma porcentagem de 74%, como mostra a tabela 5.

**Tabela 5. Principal área de atuação na Psicologia**

Principal área de atuação	Frequência	%
Psicologia Clínica	6	12%
Docência em Psicologia	36	74%
Psicologia da Saúde	6	12%
Psicologia Social	1	2%
v	49	100%

Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Sobre a carga-horária de trabalho semanal dos egressos, pode ser observado a partir da tabela 6, que a grande maioria tem uma carga-horária de 40 horas semanais e de 30 horas semanais, totalizando 56% e 10% respectivamente.

**Tabela 6. Quantidade de horas semanais dedicadas à principal atividade profissional**

Horas semanais	Frequência	%
40 horas	44	56%
30 horas	8	10%
25 horas	2	2%
20 horas	13	17%
16 horas	3	4%

15 horas	2	2%
14 horas	1	1%
12 horas	3	4%
10 horas	2	2%
08 horas	1	1%
05 horas	1	1%
v	78 <sup>24</sup>	100%

---

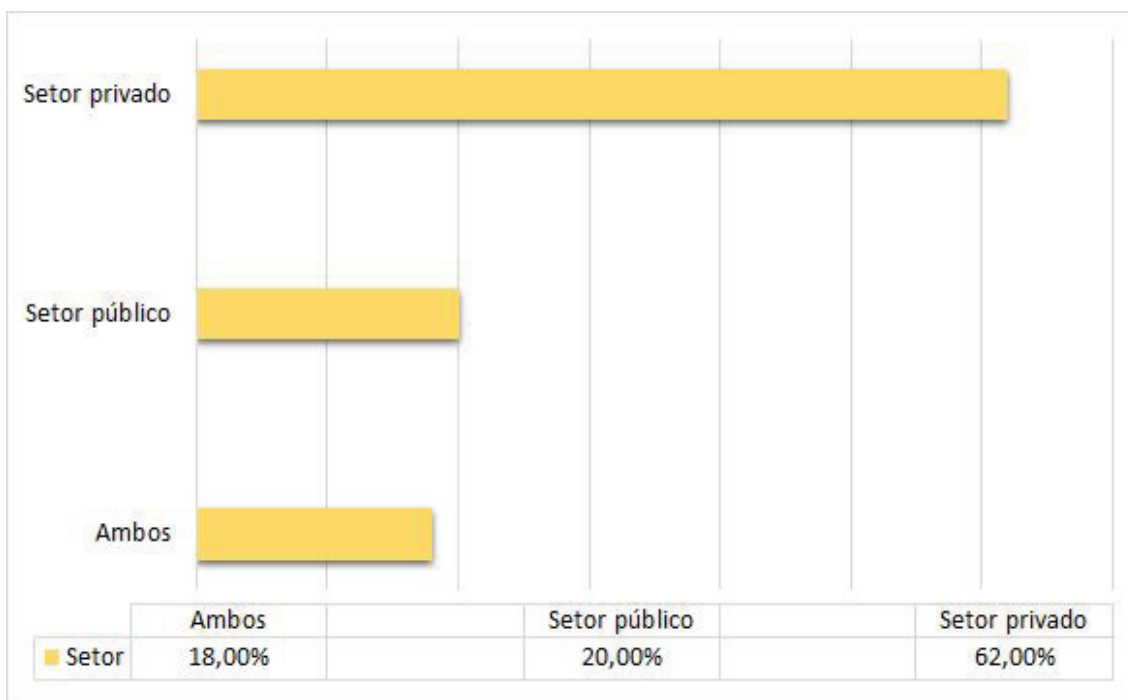
Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Mais além, no que se refere aos vínculos anteriores dos doutores após a defesa, observa-se que 44% (39) atuaram na docência. Nesse sentido, sobre o setor de atuação profissional, verifica-se que a maioria (62%) atuou no setor privado, como mostra a figura 29.

**Figura 29. Setor de atuação dos egressos que atuaram na docência (vínculos anteriores)**

---

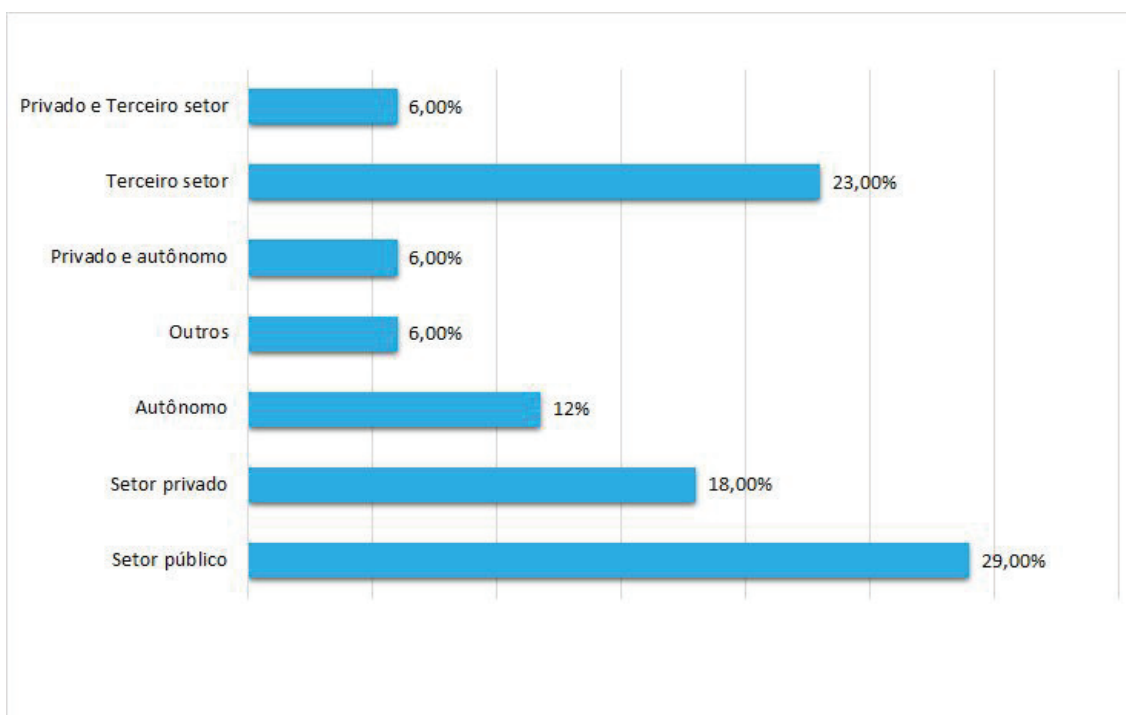
<sup>24</sup> Para essas análises, consideraram-se somente 78 egressos, uma vez que 10 egressos não colocaram a carga-horária semanal em seus currículos.



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

Ainda sobre os vínculos anteriores dos egressos, percebe-se que 19% (17) do total da amostra tiveram outras ocupações profissionais. Sendo assim, 76% (13) trabalharam como psicólogos e 24% (4) tiveram outras atuações profissionais. Depois, no que se refere ao setor das outras atuações, verifica-se que — dos egressos que tiveram outras atuações — a maioria (29%) trabalhou no setor público, como mostra a figura 30.

**Figura 30. Setor de atuação dos egressos que possuíram outras ocupações profissionais (vínculos anteriores)**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

No que se refere aos egressos que não possuem vínculos profissionais, verifica-se que somente 4% estão desempregados, como pode ser visto na tabela 7.

**Tabela 7. Total de egressos com ou sem vínculo profissional**

Egressos com ou sem vínculos profissionais	Frequência	%
Empregados	84	96%
Desempregados	4	4%
v	88	100%

Fonte: currículos Lattes dos egressos



Vale destacar também que existem um grupo de profissionais que não atua na profissão de Psicologia, representando uma porcentagem de 8% do total da amostra, como mostra a tabela 8 a seguir.

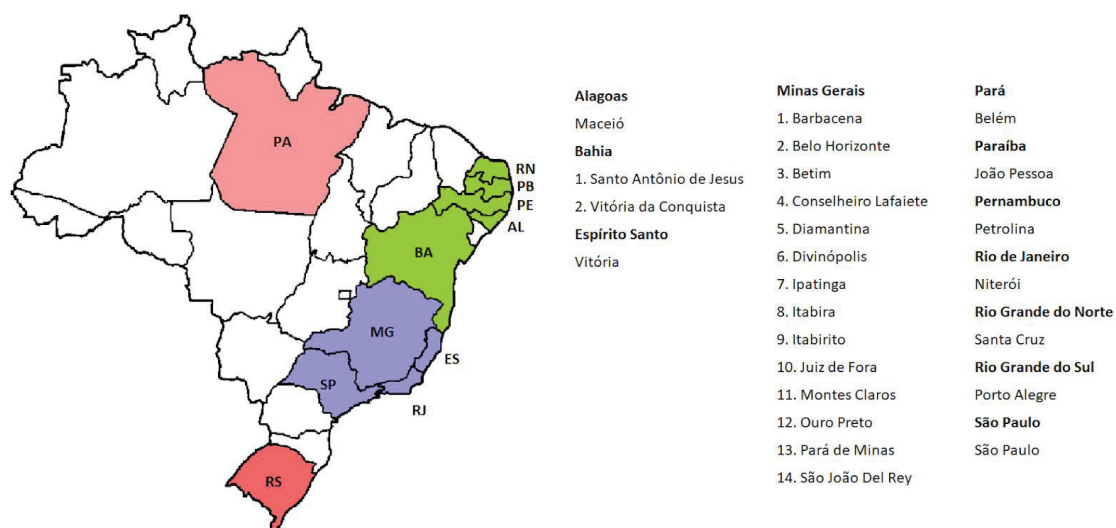
**Tabela 8. Total de egressos que atuam ou não na profissão de Psicologia**

<b>Atuação na Psicologia</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Atuam	81	92%
Não Atuam	7	8%
v	88	100%

Fonte: currículos Lattes dos egressos

A espacialização do destino profissional dos egressos está sintetizada na figura 31. Do total estudado (88), foi possível localizar a maioria (86), sendo que para dois deles não foi possível obter informações suficientes sobre a cidade e Estado exatos onde trabalham. Os egressos estão espalhados pelo país em 11 Estados. Observa-se que a maior concentração ocorre no Estado de Minas Gerais, em 14 cidades, há um total de 69 profissionais formados pelo Programa que atuam em diversos setores, públicos, privados, autônomos e organizações sociais. Ainda, aparecem outros Estados como Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, São Paulo, Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Paraíba e Pará. Cabe ainda assinalar que, desses egressos, foi observado que 58 atuam em diversas capitais do País, sendo a maioria (48) em Belo Horizonte.

**Figura 31. Espacialização do destino profissional dos egressos - período 2012-2019**



Fonte: currículos Lattes dos egressos.

## SÍNTESE DOS RESULTADOS APRESENTADOS

Em suma, quanto ao perfil do egresso do curso de Doutorado em Psicologia, pode-se afirmar que: a maior parcela (23%) doutorou-se em 2018, a maioria dos egressos é de sexo feminino e oriunda da graduação e do mestrado em Psicologia, 91% e 82%, respectivamente. Quanto à procedência, a maioria também oriunda da UFMG tanto na graduação (51%), quanto no mestrado (84%). Ainda que a área de concentração mais escolhida tenha sido a Psicologia Social, esta foi pelos egressos de sexo masculino. As mulheres se concentraram mais em Estudos Psicanalíticos. Menos de 40% receberam bolsa durante o curso, bem como cerca de 20% realizaram o doutorado-sanduíche ao longo da formação. Em relação à trajetória profissional, para 36 dos 73 egressos que atuam na docência, o magistério é a única atividade. Cerca de 47% lecionam na rede privada e 44% em instituições públicas, sendo a maioria deste oriunda da área de Psicologia Social. Já dos egressos que não lecionam, isto é, 15 egressos, 11 vieram da área de Estudos Psicanalíticos e a maioria é do sexo feminino. Quanto à espacialização do destino profissional dos egressos, 69 profissionais estão concentrados em Minas Gerais, sendo a maioria (48) em Belo Horizonte.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Neste capítulo, será apresentada a discussão dos resultados. Consideraram-se para essas análises os dados referentes ao perfil dos egressos do programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG, no que se refere às áreas de formação acadêmica e às competências esperadas. Ademais, levaram-se em consideração os dados que dizem respeito à trajetória profissional desses sujeitos, após a obtenção do título de doutor (a). Nesse sentido, este capítulo está dividido em duas seções: a) Perfil acadêmico-profissional e origem dos egressos; b) Destino profissional dos egressos e avaliação da formação recebida.

### **a) Perfil acadêmico-profissional e origem dos egressos**

A fim de entender o perfil dos egressos do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, investigou-se o sexo dos doutores estudados. De forma geral, os achados do estudo corroboram com a literatura no que diz respeito ao sexo predominante na profissão, apontando que no Brasil a Psicologia é considerada uma profissão feminina (CFP, 1988; 2013; Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010). Sendo assim, no presente estudo, dos 88 doutores analisados, 64% são do sexo feminino e 36% do sexo masculino. Estes dados coincidem também com a pesquisa do INEP (2007) que mostrou que, no Brasil, as mulheres estão em maior número no ensino superior.

Num estudo realizado pelo CFP (2001) com 1.200 profissionais, foi constatado que, dos profissionais ouvidos na pesquisa, 92,2% eram do sexo feminino, contra apenas 7,8% do sexo masculino. Aliás, as mulheres representam mais de 80% de profissionais inscritos nos conselhos regionais, além da grande presença nos cursos de graduação em Psicologia (CFP, 1988; 2001; Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010). O que indica que ser psicólogo motiva mais pessoas de gênero feminino do que masculino (Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010).

Além de tudo, de acordo com os resultados apresentados, existem diferenças entre homens e mulheres em relação ao interesse pelas áreas de concentração. Os dados mostram que a maioria das mulheres egressas do doutorado teve como área de concentração os Estudos Psicanalíticos (25). Estes achados têm relação com os dados da

pesquisa realizada pelo CFP (2013) que mostraram que as mulheres têm mais interesse pela clínica, independente da abordagem. Ademais, no que se refere à abordagem psicanalítica, mais especificamente, estes achados vêm ao encontro de diversos estudos que mostraram que a Psicanálise continuou sendo a maior orientação teórico-metodológica escolhida pelos psicólogos (e.g., Bardagi *et al.*, 2008; Bastos & Gomide, 2010; Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010).

Sendo assim, a predominância da psicanálise, como previsto, é indiscutível, geralmente, aparece com 37,1% das citações, considerada a orientação mais citada em todas as áreas de atuação – em clínica, atinge 57,7%, caindo para 30,9% em escolar e 22% em organizacional. A sua hegemonia revela-se em todas as regiões do País, sendo especialmente mais forte nos CRP 05 e 07 onde, de modo respectivo, 66,8 e 68,3% dos psicólogos, nela, se especializam (Bastos & Gomide, 2010).

Nessa mesma direção, os resultados desta pesquisa mostram que, do total da amostra, 15 egressos (17%) não atuam como docentes. Percebeu-se que, deste grupo, 80% são mulheres e 20% são homens. Sobre a área de concentração dos doutores que não atuam como docentes, atualmente, verificou-se que, dos 15 egressos, a grande maioria, 11 (74%), era da área de Estudos Psicanalíticos. Nesse sentido, os resultados indicam que, a maioria dos egressos que não atuam como docentes está atuando na clínica. Na pesquisa realizada pelo CFP (2013), sobre o aspecto dos locais de trabalho que as psicólogas da amostra exerciam a principal atividade profissional, constatou-se que um percentual de 34% atuava em consultório particular, o que era bem maior do percentual das que indicaram outros locais, tais como as universidades que representam 4% dos locais. Sendo assim, as mulheres apresentam maior interesse pela clínica (CFP, 2013).

Em relação à origem dos Doutores, em termos das instituições que cursaram a Graduação, percebe-se que grande parte da amostra pesquisada (51%) cursou na UFMG. Estes achados diferem daqueles obtidos por Yamamoto *et al.* (2010), que apontaram que aproximadamente 80% dos psicólogos formados nos últimos anos eram oriundos da rede privada.

No que se refere à formação complementar dos doutores, verifica-se que 46 (52%) dos egressos fizeram especialização, o que corrobora com a literatura. A formação complementar dos psicólogos apresenta uma peculiaridade, no que diz

respeito à sua complexidade e sua abrangência. Os cursos de especialização e as vivências são, geralmente, realizados fora da universidade, no âmbito privado, mesmo quando a universidade abriga cursos de especialização (Langenbach & Negreiros, 1988).

No estudo realizado pelo CFP (2001), foi apontado que existe uma preocupação por parte dos psicólogos em se manterem atualizados na profissão. Esses achados mostram que 53,8% dos participantes da pesquisa investiram em alguma formação complementar após sua graduação. Já na pesquisa realizada por Bardagi *et al.* (2008) com 79 participantes, foi mostrado que 88,6% desses psicólogos fizeram algum curso de formação complementar após a graduação, o que aparece como uma trajetória típica na continuidade da formação (Cruces, 2006). No estudo realizado por Yamamoto *et al.* (2010), constatou-se que aproximadamente 60% dos psicólogos que responderam ao questionário tiveram alguma formação pós-graduada *lato sensu*. Os dados dessa pesquisa mostraram, previsivelmente, que o modo de formação pós-graduada mais comum entre psicólogos brasileiros é a especialização, um modelo particularmente profissionalizante (Yamamoto *et al.*, 2010).

Sendo assim, esse grande número de psicólogos com curso de especialização pode ser justificado pelas demandas do mercado de trabalho que exige que o profissional possua alguma formação complementar para ser mais competitivo. Nesse sentido, essas demandas alteraram os perfis profissionais, exigindo que os profissionais tenham alguma especialização e experiência prévia, mesmo quando é o primeiro emprego. Sendo assim, a comprovação da formação complementar se tornou um critério de recrutamento do mercado de trabalho (Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010).

Os resultados deste estudo indicam que uma parte desses doutores fez doutorado-sanduiche. Nesse sentido, 18 egressos fizeram, o que representa 20% do total da amostra. Instituições de fomento oferecem, por meio de programas de concessão de bolsas de estudo no exterior, a oportunidade de realização de estágio a estudantes regularmente matriculados em cursos de doutorado no país, com intuito de aperfeiçoar a formação acadêmica brasileira. O Doutorado-Sanduiche, possibilita ao estudante em nível de doutorado desenvolver parte de seu estudo em universidade nacional e/ou estrangeira de reconhecida excelência. Essas parcerias consolidam a colaboração entre

grupos brasileiros e estrangeiros na realização de pesquisa, além de complementar a formação desses docentes e pesquisadores (Souza, 2008).

Destes sujeitos, apenas 34 deles, ou seja, menos da metade da amostra, receberam bolsas de estudo durante o curso, oriundas de diversas agências. O baixo número de bolsas disponibilizado pelas agências de fomento para os programas de pós-graduação avaliados como de nível elevado expressa o pouco reconhecimento do saber relacionado à uma área de conhecimento que acaba tendo uma desconsideração em comparação com outras áreas de conhecimentos (Estevam & Guimarães, 2011). O fato de que 54 desses egressos não receberam bolsas chama a atenção, uma vez que eles tiveram que fazer o curso com as suas próprias despesas. Isso também pode ser justificado pelo aumento dos cursos de pós-graduação no país. Levando em consideração o patamar de 2015, o número de cursos de Mestrado deve atingir em 2020 a marca de 3.911, ou seja, um crescimento de 20,8%. Já os cursos de Doutorado, devem chegar a 2.738 cursos, representando um aumento de 30,7% (CAPES, 2017). Cabe ressaltar que, atualmente, as bolsas de estudo e pesquisa são distribuídas entre alunos do ensino médio, estudantes de graduação em iniciação científica, mestrandos e doutorandos, e pesquisadores com bolsas de produtividade em pesquisa ou em nível de Pós-doutorado (CAPES, 2018).

Em relação ao Pós-doutorado<sup>25</sup>, os resultados desta pesquisa indicam que 17 egressos (19%) fizeram. A partir da redução da quantidade de cargos nas universidades, o crescimento da quantidade de doutores, o aumento das pesquisas e o seu auxílio, a atividade de pesquisa em diversos países desenvolvidos tem paulatinamente se baseado no exercício de pós-doutorado (Velho, 2001). Nesse sentido, o rumo do pós-doutorado funciona como uma possibilidade de aprimoramento da formação por meio da inclusão dos doutores em práticas de pesquisa de ponta (Castro & Porto, 2008).

De acordo com o documento<sup>26</sup> da CAPES (2012, p.1) sobre o Regulamento do Programa de Estágio Pós-Doutoral:

Art. 1o. O Programa de Estágio Pós-Doutoral oferece bolsas no exterior para a realização de estudos avançados aos pesquisadores com menos de oito anos de

---

<sup>25</sup> No Brasil, existem diversos programas de apoio ao Pós-doutorado, tais como: a) Programa Nacional de Pós-Doutorado (pnpd); b) Pós-Doutorado no Exterior (pde/cnpq); c) Estágio Pós-Doutoral no Exterior (capes); d) Bolsa Reuni Pós-Doutorado; e) Pós-doutorado Júnior (pdj/cnpq); f) Pós-doutorado Sênior (pds/cnpq); g) Pós-doutorado do Programa Ciência sem Fronteiras (Coraiola *et al.*, 2013).

<sup>26</sup> Portaria nº 010, de 08 de fevereiro de 2012.

formação doutoral, que possuam vínculo, empregatício ou não, com Instituições de Ensino ou Pesquisa no Brasil, visando à internacionalização de forma mais consistente, aprimorando sua produção e qualificação científicas e desenvolvendo seus métodos e teorias em parceria com pesquisadores estrangeiros de reconhecido mérito científico.

Art. 2o. A CAPES oferece bolsa aos doutores brasileiros como forma de contribuir com a inserção internacional dos pesquisadores, com o intercâmbio científico, com o estabelecimento de parcerias internacionais e com a abertura de novas linhas de pesquisa ou o fortalecimento de linhas já existentes, de relevância para o desenvolvimento da área no país.

Sendo assim, o pós-doutorado é considerado uma complementaridade na carreira docente. Ele não se refere a um curso, mas uma progressão de docentes e de pesquisadores já titulados. Nesse sentido, é uma etapa relevante na capacitação de pesquisadores, reciclagem profissional e, de modo geral, as políticas públicas. Também, consiste em um processo de inovação de conhecimentos em uma dada linha de pesquisa (Coraiola *et al.*, 2013; Castro & Porto, 2016; CAPES, 2018).

Para a UFMG<sup>27</sup>, que abriga o programa de pós-graduação em Psicologia, objeto em estudo, “a Residência Pós-Doutoral consiste no desenvolvimento de atividades de pesquisa, por detentor do título de Doutor, junto a Curso de Pós-Graduação da UFMG” (UFMG, 2017, p. 1). No que diz respeito à Área de Psicologia, especificamente, o Estágio Pós-Doutoral no exterior é considerado um elemento importante tanto no processo de internacionalização como na avaliação quadrienal dos programas de pós-graduação em Psicologia (CAPES, 2016; 2019).

---

<sup>27</sup> Resolução nº 02/2017, de 23 de maio de 2017, estabelecida pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão de 21 de março de 2017, e o Parecer nº 06/2017 da Comissão de Legislação.

### **b) Destino profissional dos egressos e avaliação da formação recebida**

No que se refere à trajetória profissional dos doutores, observa-se que 73 (83%) atuam na docência, o que coincide com a pesquisa de Velloso (2004). Os achados da pesquisa mostraram que a universidade sempre foi a principal empregadora dos doutores, absorvendo em torno de 93% deles. Também, este dado é condizente com a pesquisa de Louzada e Filho (2005) que teve intuito de analisar as perspectivas e planos de carreira de futuros doutores. Os achados da pesquisa, como frisado no primeiro capítulo deste trabalho, mostraram que todos os futuros doutores estudados tinham como objetivo trabalhar na academia.

Os resultados do presente estudo também são semelhantes aos obtidos por Bastos, Gondim e Borges-Andrade (2010) que apontaram que a docência não é mais considerada uma atividade complementar dos psicólogos, mas passa a ser uma área de atuação exclusiva. Tais achados corroboram com os resultados de outra pesquisa semelhante que mostraram que 89% dos egressos do doutorado atuavam no ensino superior (Ortigoza, Poltroniéri & Machado, 2012). Este dado também vem ao encontro das informações encontradas no documento da CAPES (2018), que apontam que ao longo de muitos anos a pós-graduação brasileira teve, principalmente, como foco a formação de professores e pesquisadores para as universidades e, inclusive, para o próprio sistema acadêmico nacional. Também, este resultado é condizente com as razões da implantação dos programas de pós-graduação no país, de acordo com o documento da área de Psicologia, que é preparar mestres e doutores para trabalhar como docentes dos cursos de graduação do país (CAPES, 2019).

Além do percentual de docentes (83%), os resultados mostraram que um total de 53% (47) dos egressos possuem outras ocupações profissionais<sup>28</sup>. Dessa maneira, 45% (40) trabalham como psicólogos e 8% (7) possuem outras atuações. Tais achados mostram que os egressos de Psicologia estão inseridos tanto no mercado de trabalho acadêmico, como no mercado de trabalho profissional, o que indica que muitos programas de caráter acadêmico também atendem à demanda de habilitação de

---

<sup>28</sup> O termo “outras ocupações profissionais” neste caso se referem às atividades que não têm a ver com a docência. Nesse sentido, este grupo compreende tanto alguns egressos que atuam como docentes como uns daqueles que não atuam na docência.



psicólogos e de outros profissionais equivalentes a fim de atuarem em diversos tipos de instituições, tais como públicas e privadas (CAPES, 2019).

Os doutores que são docentes do Ensino Superior trabalham, principalmente, em Instituições de Ensino privadas. Os dados da figura 24 indicam que 46% dos doutores estão inseridos em instituições do setor privado. Uma outra porcentagem de 44% atua em IES públicas e outra de 10% atua em ambos os setores. Esses dados de profissionais que trabalham unicamente no setor privado são condizentes com informações sobre a expansão do ensino superior no país, sobretudo em relação à rede privada. De acordo Yamamoto *et al.* (2010), na distribuição das IES no país a partir do Censo da Educação Superior de 2006, observa-se uma grande diferença entre a rede privada que representa 89% em relação à pública. Depois, os autores apontaram o fato de que existem mais alunos matriculados na rede privada, quando comparado com a rede pública. Para eles, no que se refere aos alunos matriculados em cursos presenciais, 74% estão matriculados em cursos da rede privada. Ainda, em relação ao status jurídico das IES que oferecem cursos de graduação em Psicologia, pode ser observada a grande participação das instituições da rede privada, representando 89,1% dos estabelecimentos.

O destino profissional dos doutores para a universidade pode ser explicado por diversos fatores. Um deles se refere à ampliação do número de matrículas em cursos de graduação na segunda metade da década que pode ter contribuído para o aumento de vagas no mercado de trabalho para professores universitários. Além disso, teriam afetado a demanda e a oferta para pós-graduados, alterações nas políticas para o ensino superior brasileiro durante os anos de 1990. Outros fatores são as inovações como o Exame Nacional dos Cursos e a avaliação da oferta dos cursos, cuja titulação docente um dos indicadores de qualidade, que teriam provocado um crescimento da demanda de professores com nível de pós-graduação (Bôas, Barbosa & Maggie, 2002; Velloso, 2004).

Em relação aos setores de atuação profissional, os achados da pesquisa mostram que os doutores que possuem outras ocupações profissionais (47-53%) atuam em todos os setores institucionais. Estes dados são adequados à pesquisa de Malvezzi, Souza e Zanelli (2010), como visto no primeiro capítulo, que apontou que 41,8% dos psicólogos investigados descrevem-se como profissionais engajados formalmente dentro dos quatro setores institucionais. Sendo assim, os setores eram distribuídos da seguinte maneira: na

atividade autônoma, 37,3%, no setor público, 33,6%, no setor privado, 19,7%, e nas instituições que não são privadas e nem governamentais, como as ONG, 9,4%. No presente estudo, 19% dos egressos atuam no setor público, 6 % no setor privado, 13% no setor autônomo e 7% no terceiro setor. Nesse sentido, o setor público mostra ser o setor que mais emprega os profissionais psicólogos (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010).

Cabe assinalar que alguns dos egressos combinam atuação em vários setores (público e autônomo, 4% e privado e autônomo, 4%). Dessa maneira, diversos motivos podem justificar esse parâmetro prevacente de combinar várias atuações em diversos setores institucionais. Os psicólogos combinam várias atividades a fim de complementar a renda. Além do mais, diversas inserções no setor público facilitam essas combinações, apesar de providenciarem vínculos estáveis de trabalho (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010).

Nessa mesma linha, tal como na pesquisa do CFP (1988), os resultados deste estudo mostram que 34 dos doutores (39%) combinam várias inserções em diferentes áreas da Psicologia. Nesse sentido, permanece a tendência de o psicólogo, em grande parcela, combinar inserções em áreas distintas da Psicologia (Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010), o que pode ser compreendido como um indicador de “fragilidade do mercado de trabalho” e uma situação de fragilidade dos vínculos profissionais e das condições de trabalho (Yamamoto *et al.*, 2010; Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010; Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010).

Num estudo semelhante realizado por Bastos e Gomide (2010), os autores perceberam que 73% dos profissionais entrevistados se dedicavam, exclusivamente, a uma única área, enquanto 22% combinavam duas áreas e somente 5% combinavam três áreas. Nesse sentido, mesmo quando o psicólogo possui um vínculo de trabalho assalariado, que lhe garante condições de subsistência, muitos atuam de forma paralela como clínicos a fim de permanecerem numa atividade que lhes encanta e lhes proporciona identidade profissional (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010), uma vez que “os psicólogos creem, pois, que a identidade da Psicologia se define na preocupação com a subjetividade, os sentimentos, as relações sociais, o bem-estar, a saúde mental, a singularidade, a compreensão das ações humanas, o imensurável e a imprevisibilidade” (Gondim *et al.*, 2010, p. 234).

Nesse sentido, percebe-se que os egressos não somente combinam atividades em várias áreas de Psicologia, como também combinam atividades em diversos setores institucionais. Esse resultado revela uma tendência universal de que o trabalhador precisa trabalhar em vários lugares para garantir sua subsistência, considerando as condições de trabalho no mundo atual e a redução dos salários (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010).

Conforme apontado no primeiro capítulo deste trabalho, existe um contingente de psicólogos com título de doutores que são assalariados (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010). Neste presente estudo, 80 dos doutores estudados (91%) atuam como assalariados, principalmente em serviços públicos. No estudo do CFP (2001), observou-se que 39,6% dos profissionais estudados trabalham sob a condição de assalariados. Esse contingente de psicólogos assalariados, especialmente no setor público, tem aumentado de forma progressiva (Costa & Yamamoto, 2016). Sendo assim, esse percentual de doutores assalariados pode significar que estão atuando como professores de ensino superior em universidades públicas ou privadas (Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010). Desse modo, os achados do presente estudo corroboram com a literatura mostrando que, dos assalariados, 73 (83%) atuam como docentes de ensino superior e, o restante, 7 (8%), em serviços público e privado.

Outro aspecto importante, é a existência de um grupo desses profissionais que atua na clínica. A área de Psicologia Clínica sempre reuniu maior carga-horária nos currículos dos cursos de Psicologia e representou a atividade principal do psicólogo (Ferreira Neto, 2004). No estudo de Bardagi *et al.* (2008), realizado com 79 egressos de psicologia, os resultados demonstraram que 88% dos egressos que trabalham como psicólogos, a maioria (41,7%) teve a atuação clínica como primeira inserção.

Ainda nessa perspectiva, na pesquisa realizada por Bastos, Gondim e Borges-Andrade (2010), analisando os dados do estudo do CFP (2001), encontrou-se uma percentagem de 35,3% de psicólogos com atuação em clínica. No presente estudo, 21 egressos (24%) trabalham, atualmente, na clínica. Dessa forma, mesmo que a atuação do profissional psicólogo tenha se aumentado, a Psicologia Clínica continua sendo vista, tanto pelos próprios profissionais quanto pelas pessoas leigas, como a área de atuação mais comum e aquela com mais inserção (Bardagi *et al.*, 2008; Gondim *et al.*, 2010). Sendo assim, o consultório continua sendo o local de trabalho mais usado

pelo psicólogo, mesmo para aqueles com atuação na área escolar, organizacional, saúde e mesmo ensino/docência (Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010).

Cabe refletir sobre outro aspecto levantado no primeiro capítulo deste trabalho, que diz respeito à Psicologia como profissão liberal. Os resultados desta pesquisa indicam que 24% dos egressos exercem a Psicologia na condição de profissionais liberais. Cabe ressaltar que, acontece desde o curso de graduação uma superestimação da atividade clínica e do perfil do profissional da Psicologia como um profissional liberal (Bardagi *et al.*, 2008).

Nessa mesma direção, os diversos estudos conduzidos, tanto no plano nacional como nos regionais, sobre atuação profissional do psicólogo (e.g., CFP, 1988; 2001; Yamamoto, 2003; Ferreira Neto, 2004; Bardagi *et al.*, 2006; 2008; Bastos & Gomide, 2010), têm mostrado que o predomínio da Clínica, por meio de atuação em consultórios, desenvolvendo atividades de psicoterapia e de psicodiagnóstico, criou uma imagem do psicólogo como um profissional liberal.

Investigaram-se os locais de trabalho dos psicólogos que possuem uma única inserção profissional, ou seja, aqueles que não combinam várias inserções em diferentes áreas da Psicologia (49). Dessa maneira, tomando como base o estudo do CFP (2001), os achados dessa pesquisa demonstram que 36 (74%) dos doutores atuam, atualmente, em universidades/faculdades, 6 (12%) em consultórios particulares, 4 (8%) em hospitais, 1 (2%) em associação e 2 (4%) em órgãos ligados à criança e adolescente. Estes achados contrastam a pesquisa do CFP (2001) que indicou que os consultórios particulares eram os locais de atuação mais frequentes, com um percentual de 45,4% dos profissionais entrevistados. Neste presente estudo, os locais que aparecem com a maior porcentagem é a universidade/faculdade (74%). Os dados também diferem da pesquisa de Bastos e Gomide (2010) cujo consultório representou 34,2% dos locais de trabalho, do total da amostra analisada.

Por outro lado, os dados do presente estudo são condizentes com as informações de que existe um contingente de psicólogos atuando em unidades de instituições públicas ou privadas de saúde, como os hospitais (Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010). Cabe ressaltar que, tal como no presente estudo, o local de trabalho do psicólogo é, muitas vezes, utilizado como critério principal para definir a área de atuação,

independentemente das atividades lá desenvolvidas (CFP, 2001; Bastos & Gomide, 2010; Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010).

Sobre a área de atuação principal dos psicólogos que possuem uma única inserção, os resultados da pesquisa indicam que a área de atuação mais comum é a Docência em Psicologia (74%), vindo a seguir, a Psicologia da Saúde (12%), a Psicologia Clínica (12%) e a Psicologia Social (2%). Cabe assinalar que, nos consultórios particulares e clínicas desenvolve-se quase que, de maneira exclusiva, a Psicologia Clínica, nos Hospitais é predominada a Psicologia da Saúde, nas empresas a Psicologia do Trabalho, da mesma maneira que a Psicologia Escolar e Docência são praticadas nos estabelecimentos de ensino (CFP, 1988; 2001). Os achados do presente estudo vêm ao encontro dos resultados da pesquisa do CFP (2001) que apontam que a Psicologia Social é exercida por uma minoria dos entrevistados (1,7%), mas contrastam os resultados de que a atividade docente é desenvolvida por uma minoria (2,2%).

Tais achados corroboram com resultados de outros estudos semelhantes que apontaram que a Psicologia da Saúde é a segunda área de atuação dos psicólogos (CFP, 2001; Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010; Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010). Ela é considerada o movimento que mais ameaçou a clínica tradicional (Ferreira Neto, 2004), porém, não foi contemplada na pesquisa do CFP de 1988 (Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010).

Ainda sobre o exercício profissional, os resultados desta pesquisa indicam que existe um grupo de profissionais que não atua na profissão de Psicologia (8%). Resultados de pesquisas anteriores sobre esse aspecto apontaram que aproximadamente 18% dos psicólogos nunca atuaram na profissão, ou por falta de experiência de trabalho (1,9%), ou por preferirem outro tipo de atividade, no passado ou no momento da pesquisa (15,9%) (D'Amorim, 1988).

No estudo do CFP (2001), 24,9% dos profissionais justificaram a evasão da profissão por motivos de natureza pessoal; por motivos derivados da conjuntura econômica do país ou, ainda, pelo fraco reconhecimento da profissão diante da sociedade. Já na pesquisa de Heloani, Macêdo e Cassiolato (2010), foi demonstrado que um percentual de 1,4% de psicólogo nunca atuou profissionalmente na Psicologia. Os motivos pela não inserção dizem respeito a fatores pessoais, familiares, decorrentes da formação e do mercado de trabalho. Nesse sentido, existe sempre uma perda de

profissionais formados que não são inseridos no mercado de trabalho, por conta da estrutura desse último no que se refere à ausência de oferta de trabalho e baixa remuneração (Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010; Heloani, Macêdo & Cassiolato, 2010).

Outro aspecto importante para este tema diz respeito à espacialização do destino profissional dos egressos. Tal como na pesquisa do CFP (1988), os achados deste estudo demonstram que os psicólogos ainda se concentram nas capitais do país. Naquele estudo, os dados mostraram que, em alguns Estados do país (Acre, Roraima, Amapá), todos os psicólogos atuam nas capitais, com exceção de Santa Catarina (51%) e Maranhão (71%) onde os psicólogos trabalham no interior. De maneira geral, no Brasil, 69% dos psicólogos têm o seu ambiente de trabalho nas capitais (CFP, 1988). No presente estudo, percebeu-se que 66% (58) dos egressos atuam, atualmente, em capitais do país (Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo, Vitória, Maceió, João Pessoa e Belém).

As condições de vida e o mercado estabelecido que tornam as capitais mais sedutoras são, em grande parte, os motivos pelos quais os psicólogos escolhem centros urbanos mais avançados para trabalharem. Ademais, existem outros fatores como possibilidades de crescimento profissional encontradas nas capitais, que fazem com que os psicólogos se sentem desinteressados a se desafiarem e a se ajustarem à uma nova realidade cultural, considerada por eles “mais limitada” (CFP, 1988). Nesse sentido, estes achados também são adequados à pesquisa de Bastos e Gomide (2010) que mostrou que cerca de 70% dos profissionais estudados atuavam nas capitais. Para os autores, esse índice ainda atinge 88% no CRP-03 e se revela mais reduzido nos Estados do sul.

Outro aspecto importante para este tema se refere à carga-horária de trabalho semanal dos egressos. No presente estudo, 56% (44) dos egressos analisados (de uma amostra de 78 egressos) dedicam 40 horas por semana ao exercício do seu trabalho principal. Os resultados encontrados se diferem de resultados de outro estudo que apontaram que a carga-horária média de trabalho da profissão de Psicologia, de uma maneira geral, é inferior à média das outras profissões do Brasil (e.g., Pasquali, 1988). Estes achados também se diferem de pesquisas anteriores que apontaram que a maioria dos psicólogos possuía um regime de trabalho de 20 horas por semana (e.g., CFP, 2001;

Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010), uma vez que neste presente estudo somente 17% (13) dos egressos possuem uma carga-horária semanal de 20 horas. Na pesquisa do CFP (2001), os resultados mostraram que no caso de profissionais que atuavam nas áreas como Psicologia do Trabalho, Docência, Psicologia Jurídica ou Psicologia Social, as jornadas de trabalho eram um pouco maiores.

Nesse sentido, cabe destacar que os dados referentes à carga-horária de trabalho se diferenciam conforme as áreas de atuação, o vínculo de trabalho e os setores institucionais (Bastos & Gomide, 2010; Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010). Ademais, estes achados são condizentes aos dados do IBGE que mostraram que, em 1985, 80,8% dos trabalhadores do país tinham um regime de trabalho igual ou superior a 40 horas semanais (Bastos & Gomide, 2010).

Os resultados desta pesquisa indicam que somente 4% dos egressos estão desempregados, o que significa que a grande maioria da amostra pesquisada (96%) está trabalhando. Estes achados permitem confirmar a hipótese de que cursar o doutorado contribui para aumentar a empregabilidade dos alunos. A porcentagem de egressos atuando como docentes de ensino superior (83%) coincide com o *site* do programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG, que aponta que este último objetiva a formação de pessoal qualificado para o exercício de atividades de ensino e de pesquisa.

O alto índice de inserção profissional, levando em conta o pouco tempo de titulação de muitos egressos, pode indicar uma qualidade da formação recebida, dos profissionais ou boas oportunidades do mercado de trabalho (Bardagi *et al.*, 2008). Estes achados também indicam uma eficácia do programa, uma vez que a inserção dos egressos no mercado quer seja como docentes, quer seja como profissionais representa um excelente indicador da eficácia do programa e uma importante dimensão na avaliação do programa (Ortigoza, Poltroniéri & Machado, 2012; CAPES, 2016; 2018; 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu a obtenção de dados importantes sobre a atuação profissional dos egressos do programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG. Esses egressos atuam em diversas esferas de atividades humanas, tanto no mercado acadêmico como docentes e pesquisadores, quanto no mercado profissional. Ademais esta pesquisa mostra claramente que o profissional psicólogo não somente trabalha como profissional liberal, considerado o imaginário social da profissão de Psicologia, com atendimento em consultórios, mas também como assalariado em serviços públicos e instituições privadas.

Com base nestes resultados, é possível ressaltar que o curso de doutorado do programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG apresenta resultados positivos, nesses 11 anos de existência, levando em consideração o alto índice de atuação profissional de seus egressos. Nesse sentido, a partir desse levantamento, o período analisado permite afirmar que a atuação profissional, tal como aponta a CAPES, representa um excelente indicador na avaliação dos programas de pós-graduação.

A grande maioria está atuando no ensino superior público e particular, em quatro regiões do País, mais de 20 cidades e diversas unidades da Federação, contribuindo na formação de profissionais tanto no nível de graduação quanto na pós-graduação, o que é considerado como impacto social da universidade. Dessa maneira, em termos de cargos de gestão, percebeu-se que diversos egressos ocupam cargos de coordenadores de cursos de graduação, chefia e de diretores de associações de psicólogos.

Considerando a grande dificuldade na coleta de dados de egressos, este estudo propõe para o programa a criação de um formulário que permite coletar informações dos alunos no momento da defesa da tese ou da dissertação, uma vez que, de modo geral, muitas informações fornecidas pelo aluno durante o seu ingresso estão desatualizadas no final do curso, tais como número de telefone, e-mail, endereço, dados sócio-demográficos, entre outros. Ademais, este estudo mostra a importância do monitoramento dos egressos pelos programas, uma vez que a natureza das suas atividades após a titulação é um elemento importante na avaliação do programa pelo qual é formado.

Algumas dificuldades encontradas na realização desta pesquisa foram os obstáculos para obter dados sobre os egressos. Essas dificuldades se referem tanto à



desatualização do currículo Lattes de alguns egressos<sup>29</sup>, sobretudo aqueles que não trabalham na academia quanto ao fato de que a própria universidade não quer fornecer dados sobre os egressos, quando solicitado, apesar de que o único fim é a pesquisa científica. Sendo assim, algumas limitações desta pesquisa têm a ver com a falta de informações sobre alguns aspectos, como: raça/etnia, religião, idade. Ao mesmo tempo, por ser uma pesquisa documental, não contempla informações sobre a percepção dos egressos sobre a formação recebida, as dificuldades e/ou facilidades encontradas na sua inserção no mercado de trabalho, renda mensal, entre outras.

Por fim, os resultados obtidos na realização desta pesquisa certamente estimularão a realização de novas pesquisas, a fim de investigar novos parâmetros que não foram contemplados no presente estudo. Como, por exemplo, a atuação profissional dos estrangeiros formados pelo programa e/ou por outros programas de pós-graduação da universidade.

---

<sup>29</sup> Sobre a atualização/desatualização do Lattes, até o final da pesquisa (dezembro de 2019), verificou-se que, dos 88 egressos investigados, 69 atualizaram seus currículos no ano 2019, 11 atualizaram em 2018, 01 atualizou em 2017, 04 atualizaram em 2016 e 03 atualizaram em 2015. Levando em consideração o fato de que a coleta dos dados da presente pesquisa iniciou-se em 2018, podemos afirmar que tiveram poucos currículos desatualizados no momento da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, A. J, Sucupira, N., Salgado, C., Barreto Filho, J., Silva, M. R., Trigueiro, D., Lima, A. A., Teixeira, A., Chagas, V., & Maciel, R. (2005). Parecer CFE nº 977/65, aprovado em 3 dez. 1965. *Revista Brasileira de Educação*, (30), 162-173. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782005000300014>
- Antunes, M. A. M. (2006). A consolidação da Psicologia no Brasil (1930-1962): sistematização de dados e algumas aproximações analíticas. *Psicologia da educação*, São Paulo, n. 22, p. 79-94. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000100005&lng=pt&nrm=iso)
- Bardagi, M., Lassance, M. C. P., Paradiso, A. C., & Menezes, I. A. (2006). Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 10(1), 69-82. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572006000100007>
- Bardagi, M. P., Bizarro, L., Andrade, A. M. J., Audibert, A., & Lassance, M. C. P. (2008). Avaliação da formação e trajetória profissional na perspectiva de egressos de um curso de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(2), 304-315.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastos, A. V. B. & Gomide, P. I. C. (2010). O psicólogo brasileiro: sua atuação profissional e formação profissional. In: Yamamoto, O. H., Costa, A. L. F. (Orgs.). *Escritos sobre o psicólogo no Brasil* ( pp. 229-255). Natal, RN: EDUFRN.
- Bastos, A. V. B., Gondim, S. M. G., & Rodrigues, A. C. A. (2010). Uma categoria profissional em expansão: quantos somos e onde estamos? In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Orgs.), *O trabalho do psicólogo no Brasil: um exame à luz das categorias da Psicologia Organizacional e do Trabalho* (pp. 32-44). Porto Alegre: Artmed
- Bastos, A. V. B., Gondim S. M. G., & Borges-Andrade, J. E. (2010). O Psicólogo Brasileiro: sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas. In:

Yamamoto, O. H., Costa, A. L. F. (Orgs.). Escritos sobre o psicólogo no Brasil (pp. 257-271). Natal, RN: EDUFRN.

Bôas, G. V., Barbosa, M. L. O., & Maggie, Y. (2002). A pós-graduação, a academia e as trajetórias profissionais. In J. Velloso (org.). A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país (pp. 409-418), v. 1. Brasília, Capes.

Bernardes, J. S. (2004). O debate atual sobre a formação em psicologia no Brasil: análise de documentos de domínio público. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 3(2). Disponível em: [www.revispsi.uerj.br](http://www.revispsi.uerj.br).

Bernardes, J. S. (2012). A formação em Psicologia após 50 anos do primeiro currículo nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. Psicologia Ciência e Profissão, Brasília, v.32, n.spe, p.216-231. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932012000500016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932012000500016&lng=en&nrm=iso).

Castro, P. M. R.; Porto, G. S. Retorno ao Exterior Vale a Pena? A questão dos estágios pós-doutorais sob a perspectiva da produção em C&T. Organizações & Sociedade, v. 15, n. 47, p. 155-173. 2008.

Castro, P. M. R., & Porto, G. S. (2016). Ensino e pesquisa e nada mais? Uma análise com base em currículos lattes de pós-doutores egressos da capes. Administração: Ensino e Pesquisa, 17(1), 111-146. doi:<https://doi.org/10.13058/raep.2016.v17n1.355>

Conselho Federal de Psicologia (1988). Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon.

Conselho Federal de Psicologia (2001). Pesquisa feita junto aos associados do Conselho Federal de Psicologia – Relatório final. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/pesquisa-de-opinio-who-quem-o-psicologo-brasileiro/>, acessado em 03 de janeiro de 2020.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2012). Regulamento do Estágio Pós-Doutoral no Exterior – Portaria nº 010, de 08 de fevereiro de 2012. Brasília: CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>.

Conselho Federal de Psicologia (2013). PSICOLOGIA: UMA PROFISSÃO DE MUITAS E DIFERENTES MULHERES / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 250p.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2016). Documento de área: Psicologia. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br>>

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2017). Relatório final PNPG 2011-2020. Brasília: CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2018). Plano Nacional de Pós-Graduação (Pnpg) 2011-2020. Brasília: CAPES/MEC. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2019). Documento de área: Psicologia. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br>>

Coraiola, D. M.; Baratter, M. A.; Takahashi, A. R. W.; May, M. R. (2013). Pós-doutorado na formação dos docentes de programas de pós-graduação em administração no Brasil - Perfil e configuração. Administração: Ensino e pesquisa, v. 14, n. 4, p. 725-758.

Costa, A. L. F., & Yamamoto, O. H. (2016). Políticas sociais na pós-graduação stricto sensu de Psicologia. *Estudos de Psicologia* (Natal), 21(4), 456-467. <https://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160044>

Cruces, A. V. V. (2006). Egressos de cursos de psicologia: preferências, especializações, oportunidades de trabalho e atuação na área educacional. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

D'Amorin, M.A. (1988). Emprego e Desemprego. In: Conselho Federal de Psicologia. Quem é o Psicólogo Brasileiro (p. 138-148). São Paulo: *Edicon*.

Erdmann, A. L., Andrade, S. R., Santos, J. L. G., & Oliveira, R. J. T. (2011). The profile of nursing management graduates from the nursing programs in southern Brazil. *Revista*

da Escola de Enfermagem da USP, 45(spe), 1551-1557.  
<https://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000700003>

Estevam, H. M., & Guimarães, S. (2011). Avaliação do perfil de egressos do programa de pós-graduação stricto sensu em educação da ufu: impacto na formação docente e de pesquisador (2004-2009). Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), 16(3), 703-730. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772011000300012>

Ferreira Neto, J. L. (2004). “Tudo pelo social”: questões emergentes na formação do psicólogo brasileiro. In J. L. Ferreira Neto (Org.). A formação do psicólogo. Clínica, social e mercado (pp. 81-102). São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: FUMEC/FCH.

Flick, U. (2009a). Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la? In U. Flick (Org.). Introdução à pesquisa qualitativa (pp. 20-37). Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: *Artmed*.

Flick, U. (2009a). Utilização de documentos como dados. In U. Flick (Org.). Introdução à pesquisa qualitativa (pp. 230-237). Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: *Artmed*.

Flick, U. (2009b). O que é pesquisa qualitativa? In U. Flick (Org.). Desenho de pesquisa qualitativa (pp. 15-32). Trad. Roberto Catldo Costa. Porto Alegre: *Artmed*.

Gil, A. C. (2010). Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed., 7 reimpr., São Paulo: *Atlas*.

Gondim, S. M. G., Luna, A. de F., Souza, G. C. de, Sobral, L. C. S., & Lima, M. S. (2010). A Identidade do Psicólogo brasileiro. In S. M. G. Gondim & A. V. B. Bastos. (Orgs.). O Trabalho do psicólogo no Brasil (pp. 223-247). Porto Alegre: *Artmed*.

Gomes, R. (2001). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade (pp. 67-74). 18 ed. Petrópolis: *Vozes*.

Green J. & Thorogood, N. (2004). Using documentary sources. In J. Green & N. Thorogood (orgs.). *Qualitative methods for health research* (pp. 155-172). London: Sage.

Heloani, R., Macêdo, K. B., & Cassiolato, R. (2010). O exercício da profissão: características gerais da inserção profissional do psicólogo. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 107-130). Porto alegre: *Artmed*.

Heloani, R., Macêdo, K. B., & Cassiolato, R. (2010). O psicólogo como trabalhador assalariado: setores de inserção, locais, atividades e condições de trabalho. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 131-150). Porto alegre: *Artmed*.

Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (2007). *Trajetória da Mulher na Educação brasileira*. Brasília: INEP. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>

Jesus, B. H., Gomes, D. C., Spillere, L. B. B., Prado, M. L., & Canever, B. P. (2013). Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. *Escola Anna Nery*, 17(2), 336-345. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452013000200019>

Kripka, R. M. L., Bonotto, D. L., & Scheller, M. (2015). Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. Simpósio internacional de educação e comunicação. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>

Langenbach, M. & Negreiros, T.C.G. (1988). *A Formação Complementar: um labirinto profissional*. In: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o Psicólogo Brasileiro*(pp. 86-99). São Paulo: Edicon.

Laville, C., & Dionne, J. (1999). Em busca de informações. In C. Laville & J. Dionne (Orgs.). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas* (pp. 165-196). Porto Alegre: Artmed

Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000400006>

Louzada, R. C. R. & Filho, J. F. S. (2005) Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 12, n, p 265-82.

Lüdke M. & André M. (1986). Métodos de coleta de dados. In: M. Lüdke & M. André (Orgs.). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* (pp. 25-44). São Paulo: EPU.

Malvezzi, S., Souza, J. A. J., & Zanelli, J. C. (2010). Inserção no mercado de trabalho: os psicólogos recém-formados. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 85-106). Porto alegre: *Artmed*.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2007). *Fundamentos da Metodologia Científica*. 6. ed., São Paulo: *Atlas*.

Martins, A. C. P. (2002). Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. *Acta Cirurgica Brasileira*, 17(Suppl. 3), 04-06. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-86502002000900001>

Mendonça, G., Cestari, V., Rodrigues, L., Samapio, M., Freitas, M., & Guedes, M. (2018). Produção científica de egressos de um programa de pós-graduação em enfermagem / Scientific production of grades of a post-graduation program in nursing. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 10(2), 485-489. doi:<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i2.485-489>

Ministério da Ciência e Tecnologia (BR). Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Plataforma Lattes [Internet]. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>

Morosini, M. C. & Souza, A. Q. (2009). A pós-graduação no Brasil: Formação e desafios. *Revista Argentina de Educación Superior*, 125-152.

Ortigoza, G. S., Poltroniéri, L., & Machado, P. L. (2012). A atuação profissional dos egressos como importante dimensão no processo de avaliação de programas de pós-graduação. *Sociedade & Natureza*, 24 (2), 243-253.

Pacheco, R. C. S., & Kern, V. M. (2001). Uma ontologia comum para a integração de bases de informações e conhecimento sobre ciência e tecnologia. *Ciência da Informação*, 30(3), 56-63. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652001000300008>

Paul, J. J. (2015). Acompanhamento de egressos do ensino superior: experiência brasileira e internacional. *Caderno CRH*, 28(74), 309-326. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792015000200005>

Pasquali, L. (1988). Condições de Trabalho do Psicólogo. In: Conselho Federal de Psicologia. Quem é o Psicólogo Brasileiro (pp. 149-162). São Paulo: Edicon.

Ramez, E. & Shamkant, B. N. (2005). Sistemas de banco de dados. São Paulo: Pearson Addison Wesley.

Rechtman, R. (2015). O futuro da psicologia brasileira: uma questão de projeto político. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 4(1), 69-77. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v4i1.578>

Scott, J. (1990). Social research and documentary sources. In: J. Scott (Org.). A matter of record (pp. 1-10). Cambridge: Polity Press.

Seixas, P. S. (2014) A formação graduada em psicologia no Brasil: reflexão sobre os principais dilemas em um contexto pós-DCN. 2014. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Souza, K. V. (2008). Intercâmbio educacional internacional na modalidade sanduíche: relato de experiência. *Revista de Enfermagem Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 358-363.

Tourinho, E. Z., & Bastos, A. V. B. (2010). Desafios da pós-graduação em Psicologia no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(Suppl. 1), 35-46. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000400005>



Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Regulamento de Curso do programa de pós-graduação em Psicologia. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/>

Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Residência Pós-Doutoral - Resolução nº 02/2017, de 23 de maio de 2017. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/>

Valeriano, Y. M., & Silva, C. E. S. (2015). Contribuições do currículo lattes para o acompanhamento de egressos. Fortaleza: XXXV Encontro nacional de engenharia de producao: perspectivas globais para a Engenharia de Produção.

Velloso, J. (2004). Mestres e doutores no país: destinos profissionais e políticas de pós-graduação. *Cadernos de Pesquisa*, 34(123), 583-611. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742004000300005>

Velho, L. (2001). Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? Dados: *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 44, n.3, p. 607-631.

Yamamoto, O. H. (2003). Questão social e políticas públicas: revendo o compromisso da psicologia. In: A. M. B. Bock. (Org.). *Psicologia e compromisso social* (pp. 37-54). São Paulo: Cortez.

Yamamoto, O. H., Souza, J. A. J., Silva, N., & Zanelli, J. C. (2010). A formação básica, pós-graduada e complementar do psicólogo no Brasil. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 55-65). Porto alegre: Artmed.